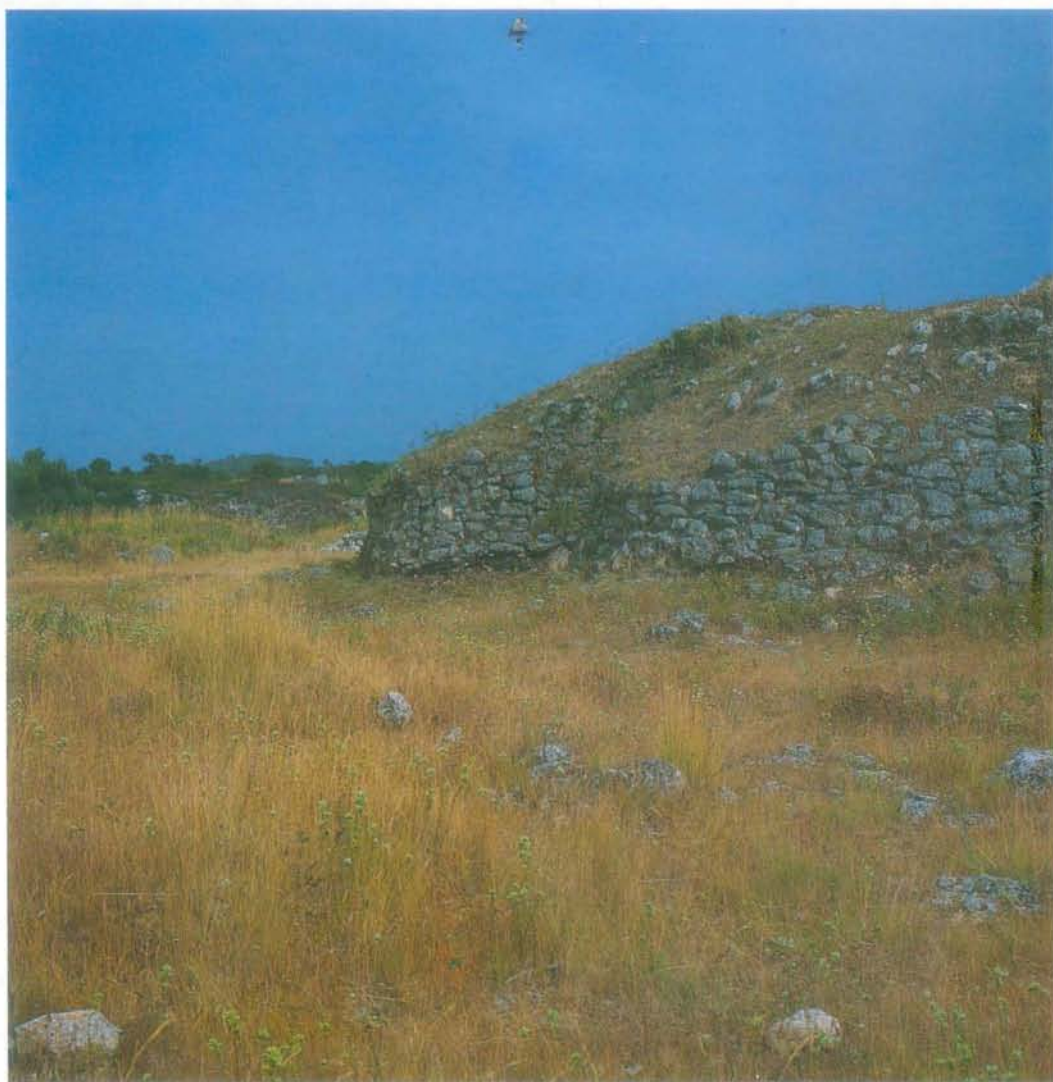


Clio/Arqueologia 1

*revista da unidade de arqueologia do centro
de história da universidade de lisboa 1983-84*



UNIARCH

INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

O Povoado Calcolítico de Leceia (Oeiras)

1.^a e 2.^a Campanhas de Escavação (1982 e 1983)

JOÃO L. CARDOSO, JOAQUINA SOARES
e CARLOS TAVARES DA SILVA

1 — LOCALIZAÇÃO. MEIO NATURAL E ARQUEOLÓGICO

O povoado calcolítico de Leceia situa-se a cerca de 12 km a Oeste de Lisboa e a cerca de 6,5 km da margem direita do estuário do Tejo. As suas coordenadas Gauss são as seguintes:

M = 100,06; P = 196,23 (fig. 1).

Do ponto de vista geomorfológico, trata-se de plataforma que se desenvolve a cerca de 100 m de altitude, no topo da encosta direita da ribeira de Barcarena, fronteira a esta povoação. Tal plataforma encontra-se limitada a Este pelo vale da referida ribeira e a Sul por uma profunda ravina onde corre tributário da margem esquerda do mesmo curso de água. Contudo, a posição do antigo povoado permite que de quase todos os lados ele seja dominado com a vista. Com efeito, além da encosta fronteira ao povoado, culminante a 130 m de altitude, também as imediações mais próximas do arqueosítio atingem altitudes superiores: a zona imediatamente a

Norte, corresponde a uma elevação de 129 m, que baixa progressivamente para Sul, onde atinge 119 m, dominando do lado oriental e sudo-oriental o povoado pré-histórico, cuja individualização ficaria no entanto assegurada por uma larga mas suave depressão no terreno. Contudo, aquele facto terá motivado Carlos Ribeiro (1878) a estender o circuito defensivo do povoado pré-histórico a todo o perímetro envolvente daquelas elevações, onde se situa a aldeia de Leceia, o que, como se verificou posteriormente, não corresponde à realidade. A linha de entricheiramento então definida, coincide tão-só com muros recentes de pedra seca, de suporte de terras. Apesar disso, a área assim definida deve ter fornecido ao ilustre pré-historiador alguns elementos de interesse, que acabaram por desaparecer no decurso deste século, devido ao intenso revolvimento do terreno, pela abertura de várias pedreiras, concomitantemente com a expansão da aldeia actual. Apenas nas zonas menos perturbadas se encontram escassos

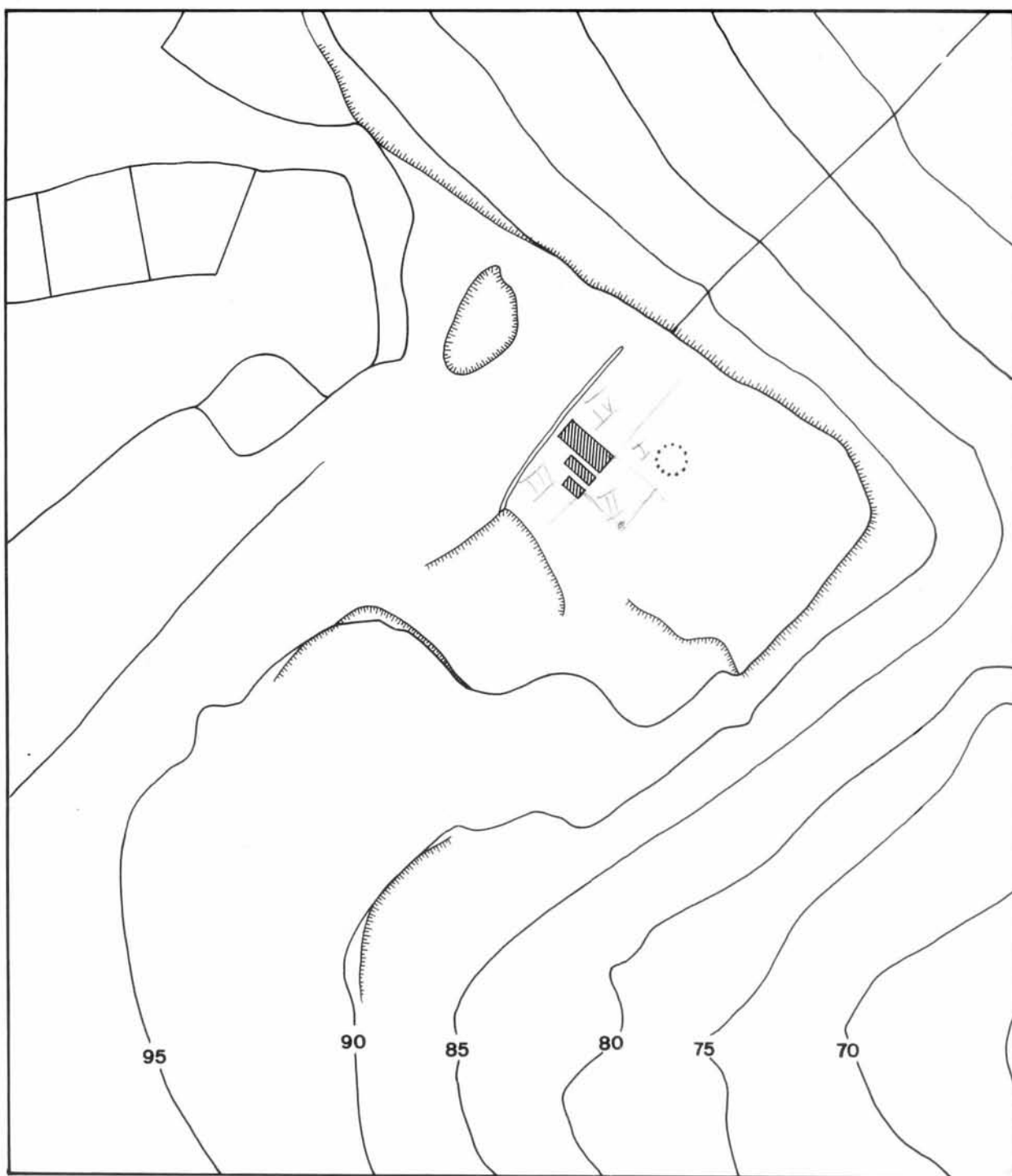


Fig. 1 — Leceia. Localização da área escavada em 1983 e 1984.

vestígios, atribuíveis a área periférica ou de influência do importante aglomerado pré-histórico, cujo núcleo já então tinha sido correctamente identificado como sendo a plataforma do Moinho da Moura ou do Pires — os seus restos ainda hoje constituem bom ponto de referência —. A área desse núcleo varia entre 70 e 100 ares, muito superior portanto aos recintos fortificados

do calcolítico estremenho. Trata-se, em suma, de esporão apontado sobre um fértil e extenso vale, em fácil comunicação com o mar, que se avista ao longe, situação que é análoga à de numerosos povoados dessa época.

Do ponto de vista geológico, a região de Barcarena caracteriza-se pela existência de terrenos de idade cretácica e actual, embora muito

diversos quanto à génese e natureza, facto que, em certa medida, condicionou a sua evolução morfológica.

A ribeira de Barcarena, de orientação geral NNE-SSW, tendo erodido rapidamente a cobertura basáltica do «Complexo vulcânico» de Lisboa, de idade Neoqretácica (Almeida, 1981), pôs a descoberto os calcários duros do Cenomaniano Superior e, depois, os calcários margosos e margas do Albiano — Cenomaniano inferior e médio, depositando, já em tempos modernos, aluviões que colmatam o fundo do vale. Paisagisticamente, trata-se de zona de con-

trastes. Com efeito, os terrenos ocupados pelo afloramento do «Complexo vulcânico», utilizados inteiramente como áreas de sementeira, caracterizam-se por paisagem monótona e triste, enquanto os terrenos calcários mostram aspecto mais alegre e variado, para o que contribuem as pequenas hortas e pomares, já no fundo aluvionar do vale. Nalgumas zonas de mais difícil acesso, em particular na cornija calcária que acompanha ambas as encostas do vale, a vegetação natural manteve-se, e, embora muito degradada (predominando o *Quercus coccifera*), confere a esta paisagem traços mediterrâni-

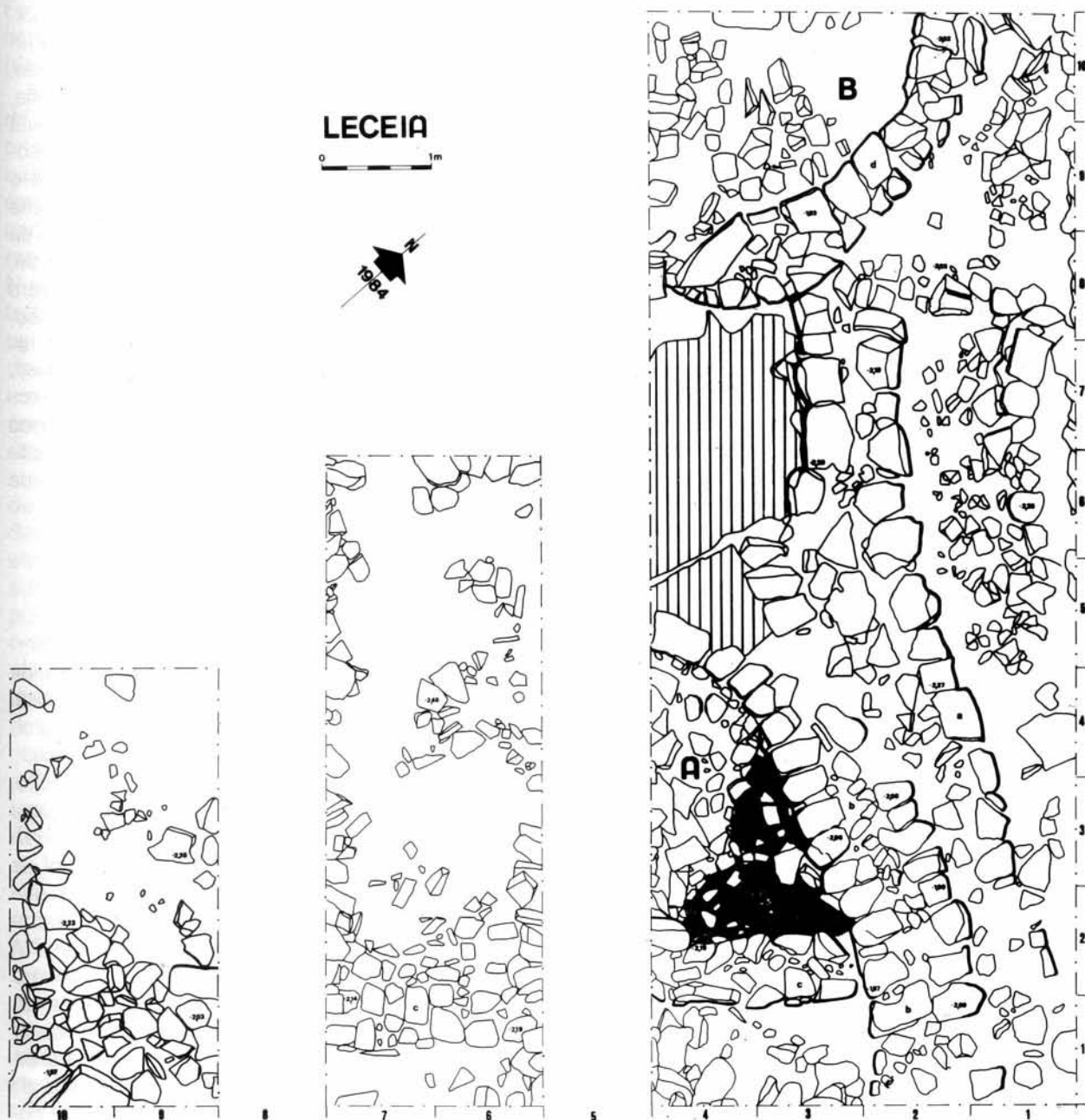


Fig. 2 — Leceia, 1983-84. Planta das estruturas postas a descoberto. A — área habitacional; A1 e A2 — zonas de combustão; B — torre (?) circular.

cos. A plataforma onde se situava o antigo povoado, corresponde precisamente a um pequeno afloramento, de contorno elipsoidal, destes calcários duros do Cenomaniano Superior, limitado por cornija de cerca de mais de 5 m de altura dos lados oriental e meridional, que acentua as boas condições de defesa que daqueles lados se observam.

Do ponto de vista arqueológico, a região é muito rica em achados paleolíticos, dispersos, estando representados por materiais acheulenses, mustierenses e do Paleolítico Superior indiferenciado, exceptuando-se certas raspadeiras tipologicamente mais definidas, aurignhacenses e solutróides. A 850 m SSW do arqueosítio, situa-se o Monte do Castelo, pequena chaminé basáltica, já considerada por Carlos Ribeiro (1878) como possível atalaia do povoado. Com efeito, há anos, numa pequena cavidade dos calcários encaixantes, na base da elevação, deparou A. Gonzalez com um elemento de mó, duas «foicinhas» e uma enxó de anfíbolito. À superfície, esta ocupação é denunciada por abundantes fragmentos cerâmicos e sílicos afeiçoados. Ainda nas imediações do Monte do Castelo, situava-se uma pedreira, cuja lavra destruiu, há anos, um provável «tholos», evidenciado apenas por um pequeno sector da câmara, certamente relacionado com o povoado pré-histórico, dada a sua proximidade. Este monumento, conjuntamente com uma pequena abertura natural existente na base da cornija calcária, dentro da área do próprio povoado, donde proveio o material antropológico recolhido por Carlos Ribeiro, não corresponderiam, certamente, aos únicos locais utilizados como necrópoles.

2 — HISTORIOGRAFIA DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO

Localizado por Carlos Ribeiro, que dele deu uma primeira notícia em 1878, numa bem documentada memória apresentada à Academia das Ciências, o povoado pré-histórico de Leceia cedo foi apresentado à comunidade arqueológica internacional da época, por uma comunicação de Paula e Oliveira, ao IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas, reunido em 1880 em Lisboa, contendo o estudo do espólio antropológico recolhido por Carlos Ribeiro. Pouco tempo depois, Leite de Vasconcelos (1895) aponta-o, no primeiro volume de «O Arqueólogo Português», como exemplo de castro não romanizado e, um ano depois, no primeiro volume das «Religiões da Lusitânia». Entretanto, nas suas saídas dominicais aos arredores de Lisboa, ia obtendo alguns objectos que

carreava para o Museu Etnológico. O interesse que a estação lhe despertava deveria ser grande porquanto, muitos anos depois, em 1917, e ainda nas páginas do «Arqueólogo», noticia a criação do Museu de Barcarena, fundado por um grupo de entusiastas, destinado a recolher as peças que entretanto fossem aparecendo. A partir dos anos 20, a estação passa a ser procurada por Joaquim Fontes e por Álvaro de Breé que, ao longo de várias dezenas de anos, reuniu, na sua quinta de Barcarena, inúmeros materiais. Em 1955, veio a lume, na revista de Guimarães, artigo sumário de Joaquim Fontes contendo referência a escavações então efectuadas mas nunca publicadas em pormenor. Posteriormente, e até à nossa intervenção, a jazida não voltou a ser objecto de investigação, embora seja largamente citada na bibliografia, por vezes a propósito de algumas peças do seu espólio, como o paralelepípedo de pedra, decorado, descrito por F. Alves Pereira (1912) e o machado de sulco transversal referido por Leite de Vasconcelos (1922). Por fim, em 1973, um de nós (J.L.C.), por informação de G. Zbyszewski, iniciou o estudo exaustivo da colecção de Álvaro de Breé, publicado recentemente (Cardoso, 1980, 1981). Antes, tinha sido publicado um resumo das conclusões gerais obtidas (Cardoso, 1979), bem como diversos estudos parciais, como o relativo a um instrumento musical, de osso (Ferreira e Cardoso, 1975) e o referente à análise por fluorescência de Raios X de artefactos de cobre (Gil, Ferreira e Cardoso, 1979).

3 — TRABALHOS REALIZADOS

Como se conclui do que atrás dissemos, embora o valor e interesse desta jazida, instituída como imóvel de interesse público em 1963, fosse desde há muito conhecido, nunca tinha sido objecto de trabalho sistemático, justificado pela riqueza do seu espólio, destituído, contudo, de valor estratigráfico. Por outro lado, urgia a delimitação da área a proteger, dada a crescente pressão urbanística sentida no local. Foi na sequência destas preocupações imediatas, que os signatários solicitaram autorização para proceder a trabalhos de escavação, em 1983. A médio prazo, após a definição da real importância da jazida e sua delimitação, pretendia-se estabelecer uma sequência estratigráfica e cultural, onde se baseassem as comparações a estabelecer com as várias fases do Calcolítico do Sudoeste, representadas nomeadamente no povoado do Monte da Tumba (Torrão), actualmente em curso de escavações. Efectivamente, são muito escassas, até ao presente, informa-

ções detalhadas sobre as sequências calcolíticas de povoados estremenhos, não obstante o elevado número de explorações até agora realizadas. Presentemente, após a 2.^a campanha de escavações, é já possível traçar um quadro das sucessivas ocupações calcolíticas verificadas. Por outro lado, a sua correcta delimitação possibilitará uma defesa definitiva da área a proteger. Os trabalhos até agora realizados, com a duração total de 2 meses contaram com o apoio financeiro do IPPC e com o apoio logístico da Câmara Municipal de Oeiras. Cumpre-nos salientar a excelente colaboração de jovens pertencentes, na sua maioria, ao Agrupamento do Estoril, do C.N.E. e, em especial, a participação de Guilherme Cardoso, na campanha deste ano (desenho e fotografia)*.

A área a ser investigada, foi dividida por quadrícula métrica (quadrados com 1 m de lado), orientada segundo um sistema de eixos ortogonais: o dos XX, com o rumo N 44° E e o dos YY, com o rumo N 55° W, em relação com o Norte cartográfico. Tomando como origem deste sistema de coordenadas, um ponto situado a 7,40 m N 80 W da face externa do moinho da Moura, o terreno ficou dividido em 4 sectores, designados por algarismos romanos: I, II, III, IV. Cada quadrado define-se, além daquele algarismo, por uma numeração independente de 2 algarismos árabes, referindo-se o primeiro ao valor da abscissa e o segundo ao da ordenada (respectivamente lidos no eixo dos XX e dos YY). As unidades arquitectónicas (torres, casas, etc.), foram designadas por letras maiúsculas; as estruturas elementares (muros), por letras minúsculas; as subestruturas elementares (lareiras, buracos de poste, etc.), pela letra maiúscula da unidade arquitectónica em que estão inseridos e por um algarismo árabe, relacionado com o número de ordem naquela estrutura. Os cortes estratigráficos, foram representados por algarismos romanos.

Na campanha de 1983, a escavação abrangeu uma área rectangular, com 4 m × 10 m (quadrados IV 1.1-1.10, IV 2.1-2.10, IV 3.1-3.10, IV 4.1-4.10).

Após a remoção da camada superficial, de remeximento, aprofundou-se um sector da área referida, que permitiu a observação e registo de um alinhamento que sugeria ser intencional, isto é, a existência de estruturas. Durante a campanha de 1984, após a confirmação daquela suposição, logo no início dos trabalhos, a escavação desenvolveu-se com duas prioridades:

1 — obter um registo estratigráfico completo, até à camada de base, geológica, em pelo menos 2 locais;

2 — definir a continuidade no terreno das referidas estruturas.

Para dar resposta a estes objectivos, abriram-se os cortes I e II e estendeu-se a área escavada pelos quadrados IV 6.1-6.6, IV 7.1-7.6, IV 9.1-9.4, IV 10.1-10.4 (fig. 3, 4 e 5).

4 — ESTRATIGRAFIA E FASES DE OCUPAÇÃO

O corte I foi aberto ao longo da face externa da torre B.

O corte II foi observado ao longo do lado SW dos quadrados IV 4.7 e IV 4.8. Como as sequências observadas nestes dois cortes foram semelhantes, optou-se por uma descrição única que integrasse todos os elementos de observação. De cima para baixo, tem-se:

C1 — Solo vegetal negro, com pequenos blocos calcários. Esp. ca. 0,15 m. Trata-se de camada superficial remexida, com materiais pré-históricos associados a cerâmicas modernas. Esta camada, bem como a subjacente, tinha sido recentemente perturbada pela abertura de buracos, com abre-valas, meses antes de se iniciarem os trabalhos, em 1983.

C2 — Com ca. de 0,30 m de espessura, subdivide-se em dois níveis distintos:

2a — Nível constituído por grandes blocos calcários, resultantes do derrube de edificações anteriores. Sofreu processo pedogenético, encontrando-se, por isso, os referidos blocos envoltos num solo vegetal escuro, diferenciando-se apenas da C1 pela ausência de materiais modernos e pelo maior tamanho dos blocos.

2b — Corresponde às duas fases construtivas observadas na área escavada. Na zona de referência, está representado pela torre B, cuja estrutura, englobada em matriz terrosa acastanhada (transição pedológica para a C3), se alicerçava em C3.

C3 — Com ca. 0,60 m de espessura máxima subdivide-se em 2 níveis distintos:

3a — Depósito margo-argiloso esbranquiçado, correlativo de período de derrube de construção de adobe ou argila, como aponta a inexistência de blocos de grandes dimensões, que caracterizavam o nível equivalente da camada anterior. Forneceu abundantes fragmentos de cerâmica pré-histórica, dispostos na horizontal, definindo estratificação incipiente.

3b — Perto do contacto com o substrato geológico, observa-se nível castanho escuro, com cerca de 0,20 m de espessura máxima correspondente à 1.^a ocupação identificada.

C4 — Bancadas de calcários duros do Cenomaniano superior, sub-horizontais, mas desniveladas, produzindo cavidades muito irregulares.

A sequência estratigráfica descrita, completa pelas observações feitas na restante área escavada (ca. 60 m²), permitem admitir a existência de duas ocupações bem diferenciadas, cujo conteúdo será pormenorizado no capítulo referente à análise comparada dos materiais recolhidos.

A primeira ocupação (C.3b) efectuou-se sobre o substrato geológico então aflorante (C4), em época integrável no Calcolítico antigo da Estremadura, caracterizado pela cerâmica canelada («copos» e taças), mas marcada, ainda ao nível da cerâmica, por fortes tradições neolíticas (cujos vestígios estão bem evidenciados pelos ma-

dono (C2a), caracterizado por intensos derrubes que só preservaram, das estruturas anteriores, as fundações, ou pouco mais. Assiste-se, por um processo normal de pedogénese, à formação de um solo anegrado que constituía a matriz da C.2a, bem como a da camada superficial, já posterior aos últimos derrubes e que revela a episódica passagem de grupos portadores de cerâmica campaniforme, da Idade do Ferro e de épocas posteriores.

5 — CONSTRUÇÕES

Como atrás se disse, as construções identificadas até ao presente (fig. 3) pertencem a duas fases do Calcolítico médio (C.2b). A mais antiga

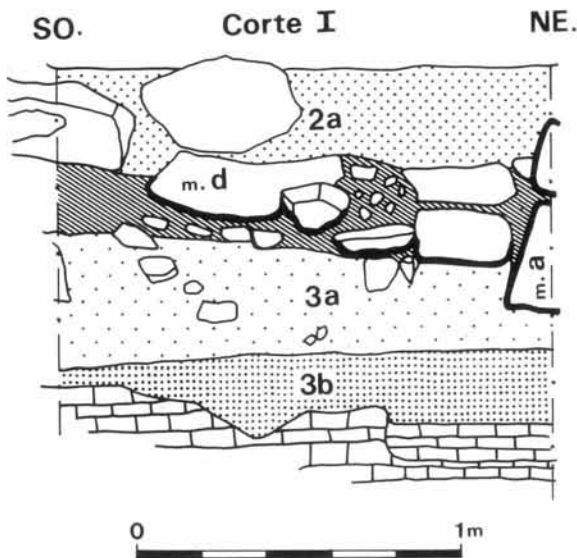


Fig. 3 — Leceia, 1983-84. Perfil do corte aberto no exterior do muro d (Q.4.8.). De notar que os muros a e d assentam sobre a C. 3.ª, pertencente à fase I de Leceia.

teriais de superfície, pertencentes a este período). Sucede-se período de abandono (C.3a), durante o qual os materiais, transportados de curta distância, provavelmente da zona mais alta então ocupada, se misturaram com os produtos resultantes da degradação das construções então existentes, muito possivelmente de adobe ou barro. Sobre este nível, fundaram-se diversas estruturas defensivas, de grande porte, e habitacionais, representantes da segunda ocupação calcolítica (C.2b), caracterizada pela presença de fragmentos cerâmicos decorados com motivos em «folha de acácia» e em «crucíferas» e ainda por grandes potes de paredes reentrantes, decorados por fundas caneluras em torno do bordo. É atribuível ao Calcolítico médio da Estremadura, tendo-se identificado duas fases construtivas. Sucede-se novo período de aban-

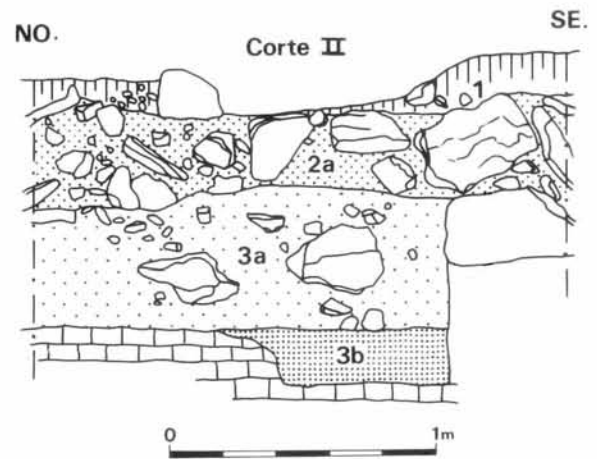


Fig. 4 — Leceia, 1983-84. Perfil do corte II (Q.4.7.).

está representada pelo muro a, com 1,20 m de espessura máxima, constituído por grandes blocos calcários mal ajustados, do qual se conserva apenas o alicerce, fundado sobre a camada de abandono subjacente (C.3a). A mais recente, corresponde aos muros b e c, bem como ao recinto habitacional A. O muro b, que assenta parcialmente sobre o muro a, sendo a parte restante fundada igualmente em C3a, apresentava uma técnica construtiva mais cuidada do que o muro a, formada por dois paramentos de blocos em geral de menores dimensões, por vezes ajustados sobre o seu lado maior; possuem a espessura máxima de 1,20 m.

O espaço interior deste muro é preenchido por pedras de pequenas dimensões, envoltas numa matriz pouco evidente. Estas estruturas, certamente defensivas, definem um espaço interior

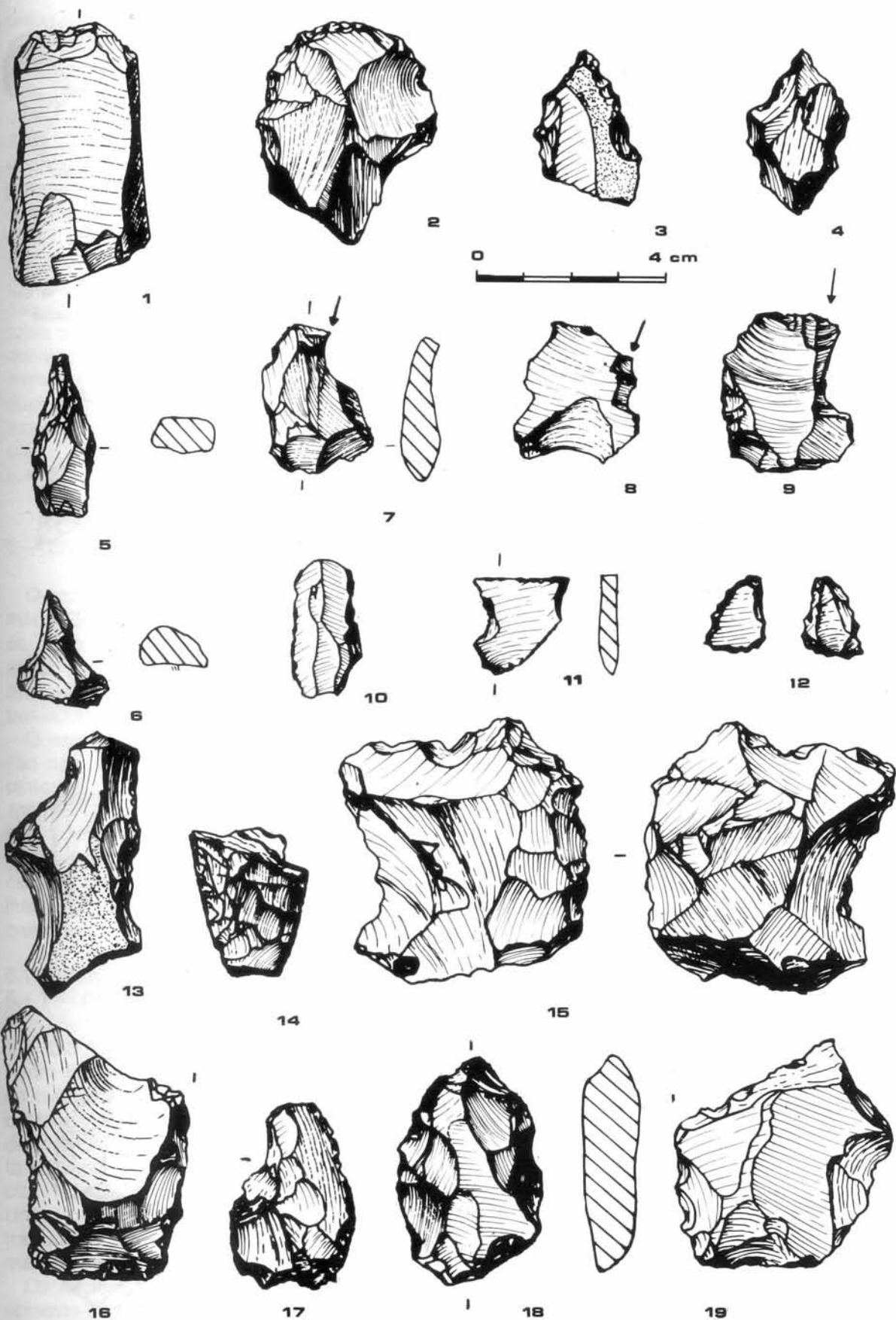


Fig. 5 — 1. raspador (*grattoir*). Sílex. C3. 2. núcleo reutilizado. Sílex. C3. 3. a 6. furadores. Sílex. 3-5-6: C3.4: C2. 7. a 9. Buris. Sílex. 7-8: C3. 9: C2. 10. Lâmina. Sílex. C2. 11. e 15. Entalhes. Sílex. 11: C3 15: C2. 12. Triângulo. Sílex. C3. 13. raspadeira (*racloir*). Sílex, C.2. 14-16 a 19. Peças ovais. Sílex. C2.

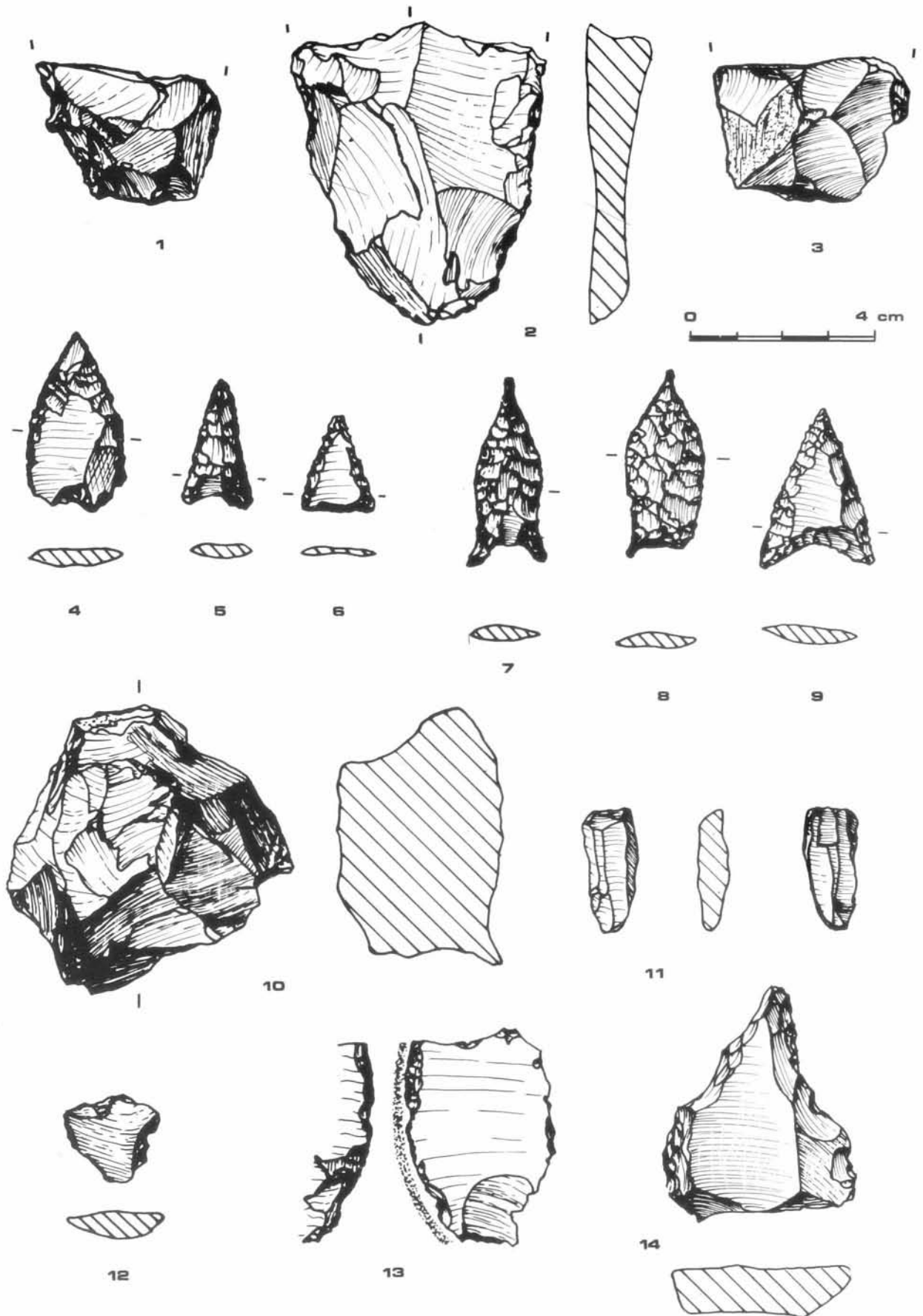


Fig. 6 — 1. a 3. peças ovais. Sílex. C3. 4. a 9. pontas de seta. De base côncava — 4. (sílex jaspóide. C2. 5. sílex. C2 9. sílex. C2. De base rectilínea: 6. Sílex. C.2. Mitriformes: 7. Sílex. C3. e 9. Sílex. C3. 10. e 11.: núcleos de lascas: 10. Sílex. C3. De lâminas: 11. Sílex. C3. 12. a 14. diversos: flecha transversal (?) 12. Sílex. C3. Elemento de foice: 13. Sílex. C2. Peça compósita: furador e raspadeira (*racloir*) 14. Sílex. C3.

provavelmente repartido por sectores, pelos muros da fase mais recente, como parece apontar o muro *c*, com uma espessura máxima de ca. 0,50 m, perpendicular e adossado ao muro *b*, do qual parece ser subcontemporâneo. O espaço definido por estes dois muros (*b* e *c*) encontrava-se fechado, do lado SW, por uma possível parede feita de materiais parecidos, definindo um recinto habitacional (recinto *A*), com o chão revestido por pequenas lajes calcárias. Possuía duas lareiras estruturadas e geminadas, situadas no encontro dos muros *b* e *c* (lareiras *A1* e *A2*). Finalmente, a torre *B* constituída pelo muro *d* integrava o sistema defensivo definido pelos muros *a* e *b*, embora ainda não tenha sido possível a sua inserção numa das duas fases de construção, representadas por estes muros. A futura escavação completa do seu interior, que é oco, dará resposta a esta questão.

6 — ESPÓLIO

O espólio agora apresentado proveio das camadas 3 e 2, correspondentes, respectivamente ao horizonte da cerâmica canelada (Calcolítico antigo da Estremadura) e ao horizonte da cerâmica «folha de acácia» (Calcolítico médio da Estremadura).

O espólio exumado na C.1, revolvida por acção das lavouras e que se formou, em grande parte, pela deposição de materiais carreados de zonas mais altas da jazida afectadas pela erosão, não é, por ora, considerado. Podemos, porém, desde já adiantar que na C.1 surgiram escassos fragmentos de cerâmica companiforme integráveis em uma fase tardia deste horizonte cronológico-cultural.

6.1 — Indústria Lítica

6.1.1 — Pedra lascada

A C.3 forneceu um total de 377 objectos de pedra lascada, dos quais 92 % são de sílex e, os restantes 0,8 %, de quartzo leitoso, quartzo, cristal de rocha e calcedónia. O sílex utilizado distribui-se por diversas variantes de que importa salientar, por ordem decrescente de frequência, o sílex cinzento (Munsell N4 e N5), o cinzento-acastanhado (5 YR 4/1) e branco, o translúcido de tons castanho-amarelados e o mate, rosado e vermelho-pálido (10 R 6/).

Os núcleos ocupam 10 % da totalidade dos objectos de pedra lascada. Este valor talvez tenha sido prejudicado em favor dos resíduos, pois o estado geral dos núcleos é de grande exaustão, embora existam restos de cortex em

ca. 24 %. As suas dimensões variam entre $9 \times 15 \times 8$ mm e $40 \times 35 \times 16$ mm. Dominam os núcleos irregulares (28 ex.) com extracções exclusivamente de lascas em ca. 60 %; pelo contrário, são raros os que apresentam apenas extracções de lamelas (4 ex.). Estas são muito estreitas, podendo ter somente 5 mm de largura. Os núcleos atípicos ocorrem em número de 4 e os prismáticos, de 6. Os últimos são, em geral, apenas flancos e, quando conservam planos de percussão, estes são facetados, ao contrário do que se observa na maioria dos núcleos onde os planos de percussão são lisos e mais ou menos côncavos.

Estamos em presença de uma indústria sobre lascas.

As lascas (não retocadas, utilizadas e retocadas ocupam 55 % do conjunto dos objectos de pedra lascada (não estão incluídas as 27 peças ovais com retoque invasor ou cobridor pois, surgindo normalmente muito fragmentadas, torna-se muito falível classificar o módulo do suporte). Em outros artefactos (pontas de seta, p. ex.), a identificação da peça-suporte é também difícil de conseguir. A frequência relativa obtida para as lascas corresponde, por conseguinte, a um valor mínimo.

As lascas completas mostram, geralmente, menores dimensões que as fragmentadas. A média da espessura e largura de uma amostra de 55 lascas (completas e fragmentadas) é de 5,6 mm e de 20 mm.

O número de fragmentos distais é ligeiramente superior ao dos proximais. Os fragmentos mesiais são francamente menos numerosos que os distais e os proximais.

Para a mesma amostra de 55 lascas foi possível estimar o valor do ângulo de lascamento (ângulo formado pelo reverso e talão da lasca) em 24 exemplares: 100 °, em média; o valor mais comum é de 110 °.

Observaram-se 60 talões de lascas, tendo-se verificado que, quanto à superfície, os talões lisos e os reduzidos ou punctiformes têm igual representação: 33 %. Os talões facetados ocupam ca. 23 %. Somente um exemplar oferece talão cortical.

Dominam os bolbos de percussão proeminentes (40 %), seguidos, de perto, pelos bolbos parcialmente eliminados por pequenos levantamentos «parasitas» resultantes da violência da percussão (31,6 %), por fim, os bolbos difusos (28,3 %).

Os produtos de debitage não modificados pelo uso ou retoque (subprodutos de talhe) ocupam 27,8 % (105 ex.), dos quais, 84,8 % pertencem às lascas, 11,4 %, às lamelas e 3,8 %, às lâminas.

Os produtos de debitação com retoque marginal irregular e parcial, em geral pouco profundo, não modificando substancialmente a morfologia do suporte, e os que apresentam outras alterações macroscópicas dos bordos igualmente provocadas pelo uso (descamação, esmagamento de arestas, lustre de cereal) constituem um grupo próprio, situado entre os subprodutos de talhe e o das peças com retoque intencional (artefactos). Correspondem-lhe 55 exemplares

(14,6 %). Internamente, esta categoria é dominada pelas lascas (41 ex. — 74,5 %); seguem-se as lamelas (13 ex. — 23,6 %) e, em número reduzido, as lâminas (1,8 %).

Os artefactos, ou sejam os utensílios executados através da técnica do retoque ocupam 36,6 % (138 ex.) da totalidade dos objectos em pedra lacada. Distribuem-se pelos seguintes tipos:

Raspador («grattoir») simples sobre lasca	10 ex.
Raspador denticulado sobre lasca	1
Raspador carenado estreito	2
Raspador ogival de ombro	1
Raspador sobre extremidade de lâmina ou de lasca laminar	2 16 ex. (11,6 %)
Furador espesso com entalhes, sobre lasca	1
Furador espesso com bordos convergentes sobre lasca	6
Furador espesso com bordos convergentes sobre lamela	1 8 ex. (5,8 %)
Buril simples lateral sobre fractura	4
Buril plano sobre fractura	1
Buril simples sobre retoque	1
Buril prismático sobre fractura com retoque de paragem	2 8 ex. (5,8 %)
Raspadeira («racloir») sobre núcleo	1
Lasca com retoque marginal contínuo	9
Lâmina com retoque marginal contínuo	9
Lamela com retoque marginal contínuo	1 12 ex. (8,7 %)
Entalhe («encoche») sobre núcleo	2
Entalhe sobre lasca	10
Entalhe sobre lamela	1
Entalhe sobre lâmina retocada	1
Denticulado lateral sobre lasca	9
Denticulado transversal sobre lasca	2
Denticulado sobre lamela	2 27 ex. (19,5 %)
Bordo abatido sobre lasca	2
Bordo abatido duplo sobre lasca	2
Bordo abatido duplo sobre lâmina	1 6 ex. (4,3 %)
Triângulo rectângulo	1
Trapézio simétrico	1
Rectângulo	1 3 ex. (2,1 %)
Lasca com retoque invasor	1
Peça oval com retoque invasor ou cobridor	27 27 ex. (19,6 %)
Ponta de seta de base côncava e bordos rectilíneos	2
Ponta de seta mitriforme	4
Ponta de seta de tipo indeterminado	1 7 ex. (5 %)
Diversos	23 23 ex. (16,7 %)

Analisando o conjunto dos artefactos quanto à técnica do retoque verifica-se que são abundantes as peças que possuem retoque invasor ou cobridor (ca. 30 %, incluindo exemplares do grupo dos diversos), aproximando-se muito da frequência atingida pelos artefactos com retoque abrupto (raspadores, furadores, dorsos, truncaturas, geométricos e diversos).

Importa referir que duas das lascas de bordo abatido, pela sua morfologia, sugerem ter sido utilizadas como elementos de um instrumento composto.

Os geométricos não só possuem uma frequência relativa muito baixa (2,1 %), como a

execução das peças é medíocre, o que confere a este grupo um evidente carácter vestigial. As peças já não obedecem a modelos conceptuais bem estruturados; apenas o rectângulo foi executado sobre lamela (14 × 8 × 4 mm); os restantes, sobre lâmina (16 × 14 × 4 mm) e lasca (19 × 20 × 5 mm).

No povoado do Pedrão (Setúbal), já havíamos efectuado idênticas observações (Soares e Tavares da Silva, 1975).

Se compararmos os artefactos de ambas as jazidas notam-se, contudo, diferenças apreciáveis. Com efeito, os dois grupos que no Pedrão se distinguem pela sua melhor representação

quantitativa — furadores (17 %) e pontas de seta (31 %) — possuem em Leceia baixas frequências relativas, respectivamente 5,8 % e 5,0 %. Pelo que concerne à tipologia do grupo dos furadores, dominam, ou são exclusivos, os espessos (largura da ponta activa ca. 4 mm) em ambas as jazidas, mas, no Pedrão os furadores sobre lasca apresentam a ponta quase sempre destacada por dois entalhes, enquanto que em Leceia é mais frequentemente que a ponta resulte da junção de dois bordos retocados convergentes.

Embora os exemplares de ponta de seta sejam pouco abundantes na C.3 de Leceia, verifica-se que as pontas de seta mitriformes dominam, tal como no Pedrão. Os dois exemplares completos da C.3 de Leceia mostravam-se muito desiguais no formato e técnica. O menor, de fabrico medíocre, mede $16 \times 12 \times 4$ mm; o maior, de excelente execução, com retoque cobridor transversal, mede $40 \times 18 \times 4$ mm.

Em ambas as jazidas existe uma boa representação de entalhes e denticulados.

Na C.3 de Leceia, o grupo dos raspadores é numeroso, ao contrário do observado no Pedrão. A mesma constatação aplica-se às peças ovais com retoque invasor ou cobridor, o tipo dominante na C.3 de Leceia, com 19,6 %, e que no Pedrão oferece somente 4 %.

Também o grupo dos buris está melhor representado em Leceia.

As peças de contorno ovalado com retoque invasor e cobridor, embora as mais abundantes, encontram-se muito fragmentadas. A C.3 de Leceia forneceu apenas dois exemplares completos: $39 \times 28 \times 7$ mm; $48 \times 31 \times 14$ mm. A largura e espessura médias são de 34,2 mm e 10,3 mm, respectivamente.

Apesar das apreciáveis diferenças quantitativas entre os artefactos da C.3 de Leceia e os do Pedrão, diferenças que podem ser o resultado de opções diversas no âmbito da esfera económica já que as duas ocupações se integram no mesmo horizonte cronológico-cultural — Calcolítico antigo da Estremadura ou horizonte da cerâmica canelada —, notam-se afinidades ao nível das características morfo-técnicas e, sobretudo, no que respeita às características qualitativas dos dois conjuntos industriais, nomeadamente a presença da ponta de seta mitriforme (dominante no Pedrão), das peças ovais com retoque invasor e cobridor (dominante em Leceia) e dos furadores espessos.

Faltam na C.3 de Leceia as lâminas espessas, estreitas, muito regulares e de bordo(s) abatedo(s), presentes no Pedrão.

A indústria de Leceia é mais acentuadamente sobre lascas que a do Pedrão.

A C.2 ofereceu um total de 468 objectos de pedra lascada, dos quais, 97,4 % são de sílex e os restantes 2,6 %, de calcedónia, quartzo leitoso, xisto jaspóide e quartzito. O sílex utilizado apresenta o aspecto e cores já observados na C.3.

Os núcleos ocupam 8,3 % da totalidade dos objectos de pedra lascada. É frequente a existência de áreas de cortex, mesmo em exemplares exaustos. As dimensões variam entre $15 \times 11 \times 7$ mm e $54 \times 57 \times 44$ mm. Dominam os núcleos irregulares (28 ex. — 71,8 %), seguidos pelos prismáticos ou subprismáticos (15,4 %). As extracções exclusivamente de lascas são muito frequentes (ca. 56 %); os núcleos com levantamentos apenas de lamelas encontram-se muito mal representados, com 14,7 %. Os negativos de lamelas são, em geral, muito estreitos (5 mm.).

Em relação aos núcleos da C.3, nota-se uma maior diversidade de tipos. Assim, além dos irregulares, atípicos e prismáticos ou subprismáticos, surgem agora, embora em reduzida frequência, os núcleos discoidal e piramidal. Tal como se havia observado na C.3, dominam os planos de percussão lisos e mais ou menos côncavos. Os planos facetados ocorrem regularmente nos núcleos prismáticos ou subprismáticos.

As lascas não utilizadas nem retocadas que integram os subprodutos de talhe ocupam 24,8 % (116 ex.) da totalidade dos objectos líticos. Observa-se também que a totalidade de lascas reconhecidas, incluindo as transformadas pelo uso ou retoque, abrangem ca. 53 % (247 ex.) de todo o conjunto industrial, enquanto as lamelas possuem apenas 6,2 % e as lâminas, 5,1 %. Trata-se, pois, de uma indústria sobre lascas como a fornecida pela C.3.

A partir das 47 lascas completas, não transformadas pela técnica do retoque, obtiveram-se as seguintes dimensões médias: $27,1 \times 25,7 \times 7,4$ mm.

Examinados 78 talões de lascas não transformadas pela técnica do retoque, atingiram-se os seguintes resultados: talões lisos — 30 ex.; talões reduzidos ou punctiformes — 27 ex.; talões facetados — 12 ex.; talões corticais — 5 ex.; talões diedros — 3 ex.; indeterminados — 1 ex. Para igual número de observações de bolbos de percussão, verificou-se dominar o bolbo parcialmente eliminado por pequenos levantamentos «parasitas», com 30 ex., seguido do bolbo proeminente, com 24 ex. do bolbo difuso, com 23 ex. e de bolbo indeterminado, com 1 ex. Embora o número de lascas transformadas em artefactos que conservam a zona proximal, não seja abundante, nelas, os talões reduzidos ou

punctiformes tendem a suplantar os lisos. Quanto ao aspecto dos bolbos de percussão, não se registam alterações relativamente aos das lascas não retocadas.

Nas lamelas (com e sem retoque) os talões são facetados ou punctiformes.

Os produtos de debitagem não retocados mas utilizados correspondem a 14,7 % (69 ex.) da totalidade dos objectos em pedra lascada. nesta

categoria dominam as lascas, com 72,5 % (50 ex.), seguidas pelas lamelas, com 14,5 % e, em último lugar, pelas lâminas, com 13 %. Verifica-se, em relação à C.3, um evidente aumento das lâminas.

Os artefactos ocupam 30,8 % (114 ex.) do total das peças em pedra lascada. Distribuem-se pelos seguintes tipos:

Raspador simples sobre lasca	4 ex.
Raspador denticulado sobre lasca	1
Raspador unguiforme	1
Raspador sobre lasca com duplo ombro	1
Raspador subcircular sobre lasca	2
Raspador carenado e denticulado	1
Raspador carenado estreito	2 12 ex. (8,3 %)
Furador espesso com entalhe, sobre núcleo	1
Furador espesso com bordos convergentes, sobre lasca	2 3 ex. (2,0 %)
Buril simples lateral sobre fractura	7
Buril plano sobre fractura	1
Buril de bisel poligonal sobre fractura	3
Buril sobre fractura com retoque de paragem	1 12 ex. (8,3 %)
Raspadeira lateral sobre lasca	1
Raspadeira transversal sobre lasca	1 2 ex. (1,4 %)
Lasca com retoque marginal contínuo	16
Lâmina com retoque marginal contínuo	5
Lamela com retoque marginal contínuo	1 22 ex. (15,3 %)
Entalhe sobre lasca	14
Entalhe sobre lamela	1
Entalhe sobre lâmina	3
Denticulado lateral sobre lasca	8
Denticulado transversal sobre lasca	5
Denticulado sobre lamela	2
Denticulado lateral sobre lâmina	1 34 ex. (23,6 %)
Bordo abatido sobre lasca	2
Bordo abatido duplo sobre lasca	2
Bordo abatido duplo sobre lâmina	1
Truncatura rectilínea sobre lasca	1
Truncatura rectilínea sobre lamela	1
Truncatura rectilínea sobre lâmina	1 7 ex. (4,9 %)
Lasca com retoque invasor	5 ex.
Lâmina com retoque invasor	1 6 ex. (4,1 %)
Peça oval com retoque invasor e cobridor	9 9 ex. (6,3 %)
Ponta de seta de base côncava e bordos rectilíneos	3
Ponta de seta de base côncava e bordos assimétricos	1
Ponta de seta de base recta e bordos rectilíneos	2
Ponta de seta de base recta com entalhe e bordos convexos	1
Ponta de seta mitriforme	1 8 ex. (5,6 %)
Diversos	29 29 ex. (20,1 %)

Comparando a indústria em pedra lascada da C.2 com a da C.3, pelo que respeita à matéria-prima, verifica-se a introdução, embora com pouco significado numérico (0,4 %), do xisto jaspóide, o qual não surge em subprodutos de talhe, mas utilizado em dois artefactos perfeitamente acabados: pontas de seta. Tanto a matéria-prima como a tipologia destas peças sugerem-nos a procura de relações com o Sul de Portugal (Alentejo).

Quanto às técnicas de debitagem, são grandes as afinidades entre as duas camadas, embora se note uma maior diversidade quanto à tipologia dos núcleos que, na C.2, podem atingir dimensões superiores às da C.3. As lascas continuam a ser o produto de debitagem dominante. Na C.2 as lâminas melhoram a sua posição em relação à da C.3.

Os artefactos apresentam algumas diferenças quantitativas apreciáveis.

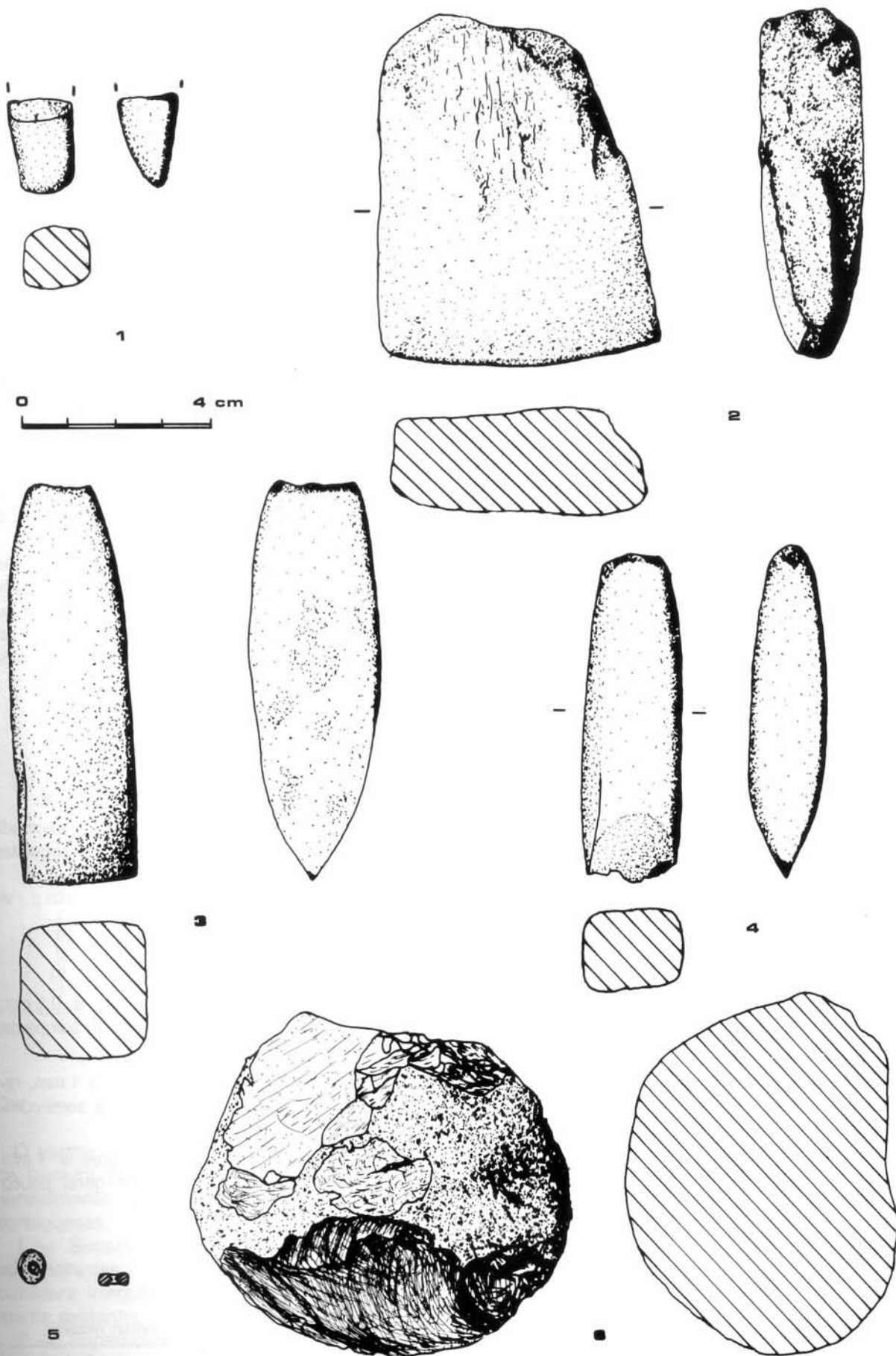


Fig. 7 — 1. Extremidade de escopo. Calcáreo. C.e. 2. e 3. machados. Rocha anfibólica. 2: C2, 3.C3. 4. Machado. Rocha anfibólica. C3. 5. Conta de colar. Mineral verde. C.2. 6. percutor. Sílex. C.2.

Assim, os grupos dos raspadores e furadores diminuem. Raspadores e buris têm agora igual frequência. O grupo dos geométricos encontra-se ausente. O decréscimo mais notável foi verificado nas peças ovais com retoque invasor ou cobridor que detém, na C.2, uma frequência muito próxima da das pontas de seta.

O grupo dos entalhes e denticulados aumenta a sua frequência relativamente à que apresentava na C.3. O mesmo se verifica com o grupo das peças com retoque marginal contínuo.

Algumas peças de bordo abatido e denticuladas devem ter sido utilizadas como elementos de instrumentos compósitos. Um exemplar aproxima-se bastante dos «dentes de foice» tão característicos do Bronze final.

Entre os traços de uso observados, reconheceu-se «lustre de cereal» numa lamela não retocada e numa lasca com retoque rasante bifacial, morfologicamente próxima das peças ovais com retoque invasor e cobridor.

O grupo das pontas de seta sofre um ligeiro aumento em relação à C.3. A ponta de seta mitriforme, tipo dominante na C.3, é nitidamente suplantada pela ponta de seta de base côncava e de bordos rectilíneos.

A técnica do retoque invasor e cobridor continua a ser praticada habilmente; é disso exemplo um fragmento de possível punhal, de calcadônia.

Nos *diversos* incluímos fragmentos de instrumentos indeterminados e uma categoria de peças que se mostra bem representada. Trata-se de variantes de uma ponta atípica sobre lasca: vão desde a ponta definida por bordos brutos embotados pelo uso o qual tem maior expressão na ponta propriamente dita, até exemplares em que a ponta é destacada por bordos com retoque normalmente fino.

A abundância de matéria-prima (sílex) proporcionou em Leceia, tal como nos restantes povoados calcolíticos da Estremadura, uma intensa actividade de talhe, contrariamente ao que se verifica nos povoados calcolíticos do baixo Alentejo, nos quais, nomeadamente no Monte da Tumba, a actividade neste domínio é mais dirigida e o leque de tipos bastante mais reduzido, sendo o grupo das pontas de seta o melhor representado quantitativamente.

6.1.2 — Indústria em pedra polida

Identificaram-se 12 instrumentos de pedra polida provenientes da C.3: 3 machados; 1 machado-percutor; 1 enxó; 2 escopros; 2 percutores poliédrico-esferoidais; 3 elementos moventes de mó. Os machados foram executados sobre rochas anfibólicas e possuem secção transversal rectangular; têm evidentes paralelos nos do povoado do Pedrão (Soares e Tavares da Silva, 1975); o exemplar completo pesa 137 g. Também os machados de gume embotado, transformados em percutores (ou em polidores?), de secção transversal rectangular, são conhecidos no Pedrão. De salientar a presença de percutores poliédrico-esferoidais, peças tão abundantes nos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve; os exemplares de Leceia são de sílex e pesam 378 g e 422 g. A enxó foi produzida em xisto do Ramalhão. No fabrico dos elementos de mó utilizou-se arenito silicioso e basalto.

A indústria em pedra polida da C.2 é semelhante à da C.3, mas menos numerosa. Salientamos o aparecimento de um machado com o gume embotado, transformado possivelmente em polidor, e de um percutor poliédrico-esferoidal em calcário com 716 g.

6.2 — Cerâmica. Recipientes

Pasta

O exame macroscópico da cerâmica exumada nas Cs.2 e 3 permitiu estabelecer os seguintes grupos de pasta:

1 — Raros elementos não plásticos (e.n.p.) visíveis a olho nú; compacta.

Pasta muito fina.

2 — Abundantes e.n.p. inferiores a 0,5 mm; rasos superiores a 0,5 mm; em geral, compacta. *Pasta fina.*

3 — Abundantes e.n.p. entre 0,5 e 1 mm; rasos superiores a 1 mm; compacta a semi-compacta. *Pasta grosseira.*

4 — Abundantes e.n.p. superiores a 1 mm (atingem, por vezes, 5 mm); em geral pouco compacta. *Pasta muito grosseira.*

QUADRO I

Distribuição estratigráfica dos grupos de pasta. Nota: entre parênteses, são apresentadas as frequências relativas.

Cs.	Pasta	1	2	3	4	Total
2		5(1,3)	38(10,3)	181(49,1)	145(39,3)	369(100)
3		4(1,3)	36(12,0)	222(73,7)	39(13,0)	301(100)

A pasta do grupo 3 é a que predomina em ambas as camadas, embora se note um acentuado decréscimo na C.2 (49,1 % contra 73,7 % na C.3), enquanto se verifica um aumento da frequência relativa dos exemplares de pasta 4 (39,3 % na C.2 e 13,0 % na C.3). Assiste-se, pois, a uma degradação na qualidade da pasta ao passar-se do horizonte da cerâmica canelada para o da cerâmica «folha de acácia», facto

igualmente verificado na Rotura. Esta degradação é principalmente notória nas taças em calote (também como na Rotura) e nos esféricos de bordo espessado. Assim, como é patente nos quadros II e III, a pasta 4 das taças em calote ocorre na C.3 em 4,3 % e, na C.2, em 13,3 %, nos esféricos de bordo espessado a pasta 4 é de 3,0 % na C.3 e de 14,6 % na C.2.

QUADRO II

C.3 Distribuição dos grupos de pasta pelas formas gerais (1 — Prato de bordo sem espessamento; 2 — prato de b. espessado; 3 — taça de b. espessado; 4 — taça carenada; 5 — taça em calote; 6 — vaso de b. em aba; 7 — v. de b. extrovertido / 8 — esférico de b. simples; 9 — esférico de b. espessado; 10 — globular; 11 — «pote»; 12 — «copo»). Nota: entre parêntesis, são apresentadas as frequências relativas.

Forma	Pasta	1	2	3	4	Total
1	—	—	—	1(0,3)	—	1(0,3)
2	—	—	—	13(4,3)	1(0,3)	14(4,6)
3	—	—	1(0,3)	15(5,0)	3(1,0)	19(6,3)
4	—	—	—	4(1,3)	1(0,3)	5(1,6)
5	4(1,3)	—	22(7,3)	44(14,6)	13(4,3)	83(27,5)
6	—	—	—	62(20,6)	5(1,6)	67(22,2)
7	—	—	3(1,0)	22(7,3)	3(1,0)	28(9,3)
8	—	—	7(2,3)	5(1,6)	1(0,3)	13(4,2)
9	—	—	2(0,7)	51(17,0)	9(3,0)	62(20,7)
10	—	—	—	3(1,0)	1(0,3)	4(1,3)
11	—	—	—	1(0,3)	2(0,7)	3(1,0)
12	—	—	1(0,3)	1(0,3)	—	2(0,6)

QUADRO III

C.2 Distribuição dos grupos de pasta pelas formas gerais (cf. legenda do Quadro II).

Forma	Pasta	1	2	3	4	Total
1	—	—	—	4(1,1)	2(0,5)	6(1,6)
2	—	—	—	16(4,3)	5(1,3)	21(5,6)
3	—	—	1(0,3)	9(2,4)	6(1,6)	16(4,3)
5	1(0,3)	—	20(5,4)	43(11,6)	49(13,3)	113(30,6)
6	—	—	2(0,5)	19(5,1)	10(2,7)	31(8,3)
7	2(0,5)	—	5(1,3)	8(2,2)	3(0,8)	18(4,8)
8	—	—	5(1,3)	18(4,9)	9(2,4)	32(8,6)
9	—	—	3(0,8)	52(14,1)	54(14,6)	109(29,5)
10	2(0,5)	—	2(0,5)	7(1,9)	1(0,3)	12(3,2)
11	—	—	—	5(1,3)	6(1,6)	11(2,9)

Cor

O exame da cor das superfícies e do núcleo da fractura permitiu identificar os sete grupos normalmente presentes nas jazidas calcólíticas portuguesas:

1 — Superfícies e fractura avermelhadas / acastanhadas, com manchas acinzentadas — cozedura irregular em ambiente predominantemente oxidante.

2 — Superfícies e fractura acinzentadas ou negras, por vezes com manchas acastanhadas — cozedura irregular em ambiente predominantemente redutor.

3.1 — Superfície externa e zona exterior da fractura avermelhada / acastanhada; superfície interna e zona superf. int. da fractura acinzentada / negra — cozedura redutora-oxidante.

3.2 — Superfície externa e zona superf. ext. da fractura acinzentada / negra; superf. int. e zona superf. int. da fractura avermelhada / acastanhada — cozedura oxidante-redutora.

3.3 — Superfícies e zonas superficiais da fractura avermelhadas / acastanhadas; fractura com zona nuclear negra — cozedura redutora com fase final (ou de arrefecimento) oxidante.

3.4 — Superfícies e zonas superficiais da fractura acinzentadas / negras e zona nuclear da fractura avermelhada / acastanhada — cozedura oxidante e fase final (ou de arrefecimento) redutora. Por vezes, o negro das superfícies resulta da aplicação de aguada.

3.5 — Superfícies e zonas superficiais da fractura acinzentadas / negras e fractura com zona nuclear negra entre zonas avermelhadas / acas-

tanhadas — cozedura redutora com fase final oxidante e arrefecimento redutor. Por vezes, o negro das superfícies resulta da aplicação de aguada.

QUADRO IV

Distribuição estratigráfica dos grupos de cor. Entre parêntesis, as frequências relativas.

Cor Cs.	1	2	3.1	3.2	3.3	3.4	3.5	Total
2	161(43,6)	72(19,5)	30(8,1)	16(4,3)	51(13,8)	26(3,1)	13(3,5)	369(99,9)
3	128(42,5)	34(11,3)	37(12,3)	15(5,0)	48(15,9)	24(8,0)	15(5,0)	301(100)

Os valores do Quadro IV indicam, para os dois horizontes estratigráficos, cozedura irregular processada em ambiente predominantemente oxidante (cores 1, 3.2, 3.4). Dominam os exemplares com fractura e superfícies avermelhadas / acastanhadas. Nota-se um aumento da cozedura redutora (cor 2) da C.3 para a C.2, facto que é

acompanhado de pastas em geral mais friáveis e grosseiras.

A cor 2 ocorre, nos dois estratos (mas de modo mais frequente na C.2), principalmente nas taças em calote e nos esféricos de bordo simples, como é patente nos Quadros V e VI.

QUADRO V

C.3. Distribuição dos grupos de cor pelas formas gerais (cf. legenda do Quadro II). Entre parêntesis, as frequências relativas.

Cor Forma	1	2	3.1	3.2	3.3	3.4	3.5	Total
1	—	—	—	1(0,3)	—	—	—	1(0,3)
2	7(2,3)	—	—	—	1(0,3)	1(0,3)	1(0,3)	14(4,5)
3	6(2,0)	2(0,7)	4(1,3)	—	—	3(1,0)	3(1,0)	19(6,3)
4	2(2,7)	—	—	—	1(0,3)	1(0,3)	1(0,3)	5(1,6)
5	24(8,0)	14(4,6)	12(4,0)	5(1,7)	17(5,6)	8(2,6)	3(1,0)	83(27,5)
6	43(14,3)	7(2,3)	5(1,7)	2(0,7)	7(2,3)	3(1,0)	—	67(22,3)
7	13(4,3)	1(0,3)	5(1,7)	2(0,7)	5(1,7)	2(0,7)	—	28(9,4)
8	5(1,7)	6(2,0)	—	—	1(0,3)	—	1(0,3)	13(4,3)
9	25(8,3)	4(1,3)	7(2,3)	4(1,3)	15(5,0)	3(1,0)	4(1,3)	62(20,5)
10	1(0,3)	—	—	—	1(0,3)	1(0,3)	1(0,3)	4(1,2)
11	2(0,7)	—	—	—	—	1(0,3)	—	3(1,0)
12	—	—	—	—	—	1(0,3)	1(0,3)	2(0,6)

QUADRO VI

C.2. Distribuição dos grupos de cor pelas formas gerais (cf. legenda do Quadro II). Entre parêntesis, as frequências relativas.

Cor Forma	1	2	3.1	3.2	3.3	3.4	3.5	Total
1	5(1,3)	—	1(0,3)	—	—	—	—	6(1,6)
2	14(3,8)	3(0,8)	—	1(0,3)	1(0,3)	2(0,5)	—	21(5,7)
3	9(2,4)	3(0,8)	—	—	1(0,3)	1(0,3)	2(0,5)	16(4,3)
5	34(9,2)	34(9,2)	10(2,7)	3(0,8)	21(5,7)	11(3,0)	—	113(30,6)
6	17(4,6)	1(0,3)	3(0,8)	2(0,5)	4(1,1)	3(0,8)	1(0,3)	31(8,4)
7	8(2,2)	3(0,8)	2(0,5)	2(0,5)	1(0,3)	—	—	18(4,8)
8	10(2,7)	9(2,4)	2(0,5)	2(0,5)	6(1,6)	1(0,3)	2(0,5)	32(8,5)
9	55(14,9)	17(4,6)	7(1,9)	5(1,3)	14(3,8)	5(1,3)	6(1,6)	109(29,4)
10	3(0,8)	1(0,3)	3(0,8)	1(0,3)	1(0,3)	2(0,5)	1(0,3)	12(3,3)
11	6(1,6)	1(0,3)	2(0,5)	—	1(0,3)	—	1(0,3)	11(3,0)

Os fragmentos com bordo exumados nas Cs. 3 e 2 permitiram identificar as seguintes formas gerais:

1 — prato de bordo sem espessamento; 2 — prato de b. espessado; 3 — taça de b. espessa-

do; 4 — taça carenada; 5 — taça em calote; 6 — vaso de b. em aba e parede ligeiramente inclinada para o exterior; 7 — vaso de parede subvertical e bordo extrovertido (forma aparentada com a anterior); 8 — esférico de b. simples; 9 — esférico de b. espessado; 10 — globular; 11 — «pote» (forma aparentada com o esférico de b. espessado); 12 — «copo».

QUADRO VII

Distribuição estratigráfica das formas gerais. Entre parêntesis, as frequências relativas.

Formas Cs.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	Total
3	1(0,3)	14(4,7)	19(6,3)	5(1,7)	83(27,6)	67(22,3)	28(9,3)	13(4,3)	62(20,6)	4(1,3)	3(2,9)	2(0,7)	301(100)
2	6(1,6)	21(5,7)	16(4,3)	—	113(30,6)	31(8,4)	18(4,9)	32(8,7)	109(29,5)	12(3,3)	11(3,0)	—	369(100)

À excepção das formas 4 e 12 que ocorrem (ainda que em percentagens baixas) somente na C.3, todas as restantes são comuns aos dois estratos, predominando sempre a taça em calote. Contudo, notam-se algumas diferenças de carácter quantitativo, sobretudo sentidas no que se refere às formas 6 (vaso de b. em aba), 7 (vaso de b. extrovertido) e 9 (esférico de b. espessado).

As formas 6 e 7, aparentadas, são abundantes na C.3 (22,3 % e 9,3 %, respectivamente), reduzindo-se notoriamente a sua frequência relativa na C.2 (8,4 % e 4,9 %, respectivamente); os esféricos de b. espessado (forma 9) representam a segunda forma mais abundante na C.2, com 29,5 %, logo a seguir à taça em calote (30,6 %), enquanto na C.3 ocupam o terceiro lugar, com 20,6 %. Outras diferenças quantitativas podem ser detectadas ao nível de variantes de algumas das formas gerais, como veremos, seguidamente, ao analisarmos cada uma das formas de *per si*.

1 — Prato de bordo sem espessamento. (Para uma definição destas formas gerais, cf. Tavares da Silva e Soares, 1976-7.) — Tal como se verificou na Rotura (Tavares da Silva, 1971), esta forma ocorre em Leceia em percentagem muito baixa: 0,3 % na C.3 e 1,6 % na C.2. Este aspecto contrasta com o observado no Monte da Tumba (Torrão do Alentejo) em que, nos níveis mais baixos do Corte A da fase I (Tavares da Silva e Soares, a publicar em 1985), atinge 11,5 %, aumentando este valor à medida que ascendemos na sequência estratigráfica, até, alcançar, na fase III, 16,9 %. Em outros povoados calcolíticos pertencentes igualmente ao grupo do Sudoeste, o prato de bordo sem espessamento apresenta frequências francamente superiores às de Leceia e Rotura (p. ex.: 8,7 % no Cortadoiro, em Ourique — Tavares da Silva e Soares, 1976-77).

O prato de b. sem espessamento de Leceia apresenta-se quer com a parede na continuação do fundo, sem qualquer inflexão, quer com baixa e ligeira carena exterior, entre o fundo aplanado e a parede (C.2). Na C.2, o lábio é aplanado. Predominam os exemplares de pasta do grupo 3 e de cor 1.

Prato de bordo espessado. — Apresenta em Leceia frequências relativas de 4,7 % na C.3 e de 5,7 % na C.2, valores que se aproximam dos da Rotura. Neste caso, a diferença entre o grupo calcolítico da Estremadura e o do Sudoeste é ainda mais flagrante. Com efeito, esta forma, sobretudo a variante de b. almendrado, que em Leceia é a mais rara, comporta-se, sem dúvida, como a forma mais característica do Calcolítico do Sudoeste: no Monte da Tumba, onde decresce da base para o topo da sequência estratigráfica, atinge percentagens compreendidas entre 24,3 % (C.8 do Corte A) e 8,3 % (C.2-3 do mesmo corte). Em Leceia, predomina, nas Cs. 2 e 3, a variante de lábio aplanado, formando aresta viva com o interior, semelhante ao da taça de b. espessado. Segue-se a variante de lábio muito convexo, sem aresta interna; a variante pior representada é, como atrás dissemos, a de bordo almendrado — lábio convexo, formando aresta ligeiramente boleada com o interior —. Dominam, grandemente em ambos os estratos, os ex. de pasta 3 e de cor 1.

Ao contrário do que se verifica nos pratos de bordo espessado alentejanos, em que a superfície externa é normalmente muito irregular, em Leceia esta superfície (tal como a interna) é bem alisada. Na C.3, apareceu 1 ex. com as superfícies revestidas de possível aguada negra; a C.2 forneceu 1 ex. com possível aguada negra na sup. interna.

3 — *Taça larga de bordo espessado.* — Esta forma — que aquando do grupo de Palmela do

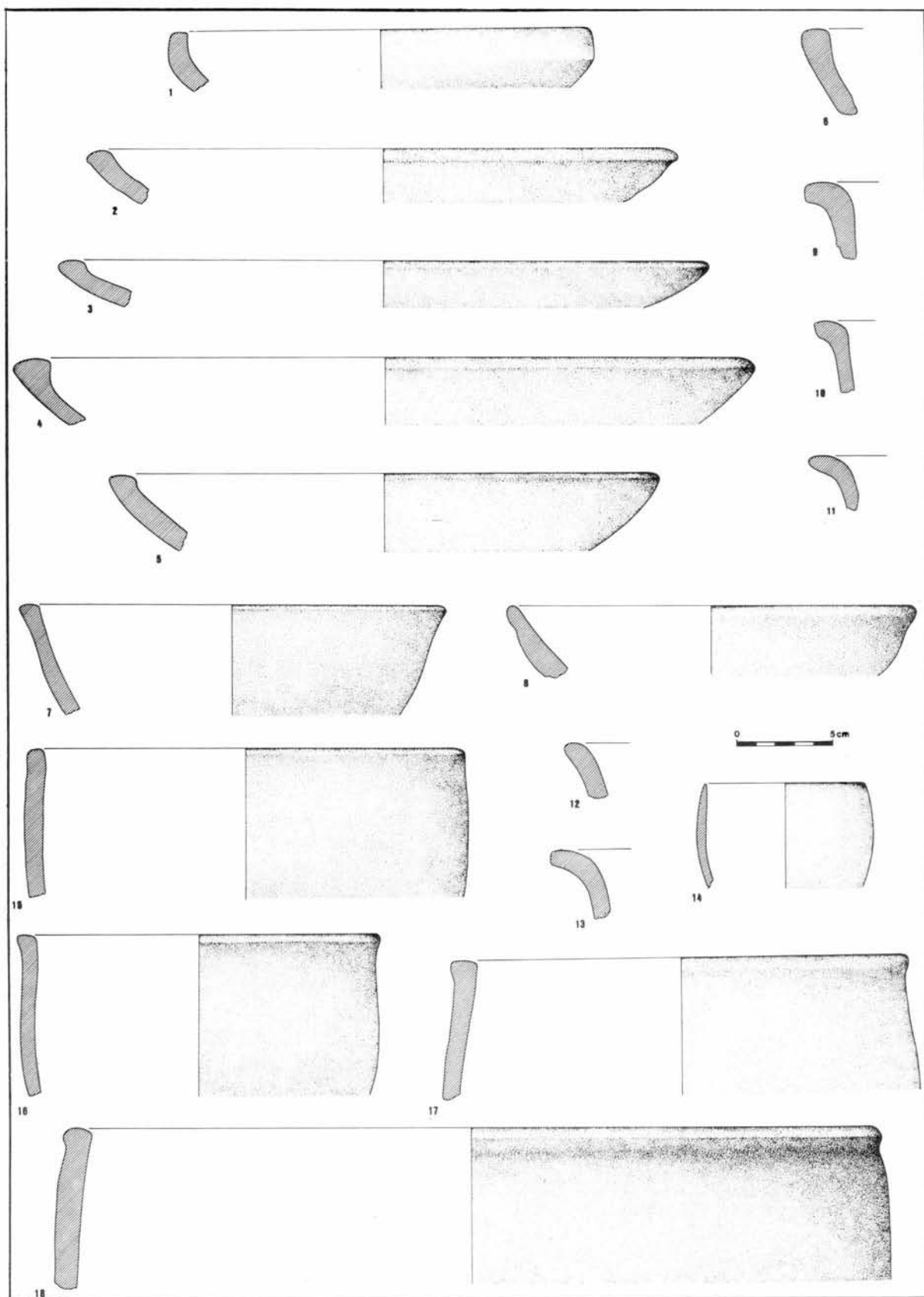


Fig. 8 — Leceia, 1983-84. Cerâmica lisa da C.2 n.º 1 — prato de bordo sem espessamento; 2 e 3 — prato de bordo espessado; 4 a 6 — taça de bordo espessado; 7 e 8 — taça em calote; 9 a 11 — vaso de bordo em aba; 12 e 13 — vaso de bordo extrovertido; 14 e 15 — esférico de bordo simples; 16 a 18 — esférico de bordo espessado.

Horizonte Campaniforme português, recebe decoração de tipo campaniforme, passando a ser conhecida por «taça tipo Palmela» — ocorre no Calcolítico pré-campaniforme de Leceia com 6,3 % na C.3 e 4,3 % na C.2, valores próximos entre si e semelhantes aos dos níveis pré-campaniformes da Rotura e do Monte da Tumba. É interessante notar que tanto no nível campaniforme da Rotura (C.1), como no do Calcolítico final do Monte da Tumba (C.1 do Corte A), a taça de b. espessado adquire, subitamente, uma percentagem mais elevada (12,9 % no Monte da Tumba).

No que se refere à morfologia do lábio, estão presentes em Leceia (tal como no Monte da Tumba) três variantes:

— Lábio aplanado com acentuado espessamento interno de secção triangular (6 ex. na C.3 e 3 ex. na C.2) — trata-se do perfil mais comum na taça tipo Palmela do grupo campaniforme inciso —;

— Lábio plano com ténue espessamento interno (12 ex. na C.3 e 11 na C.2) — é o perfil mais

comum na taça tipo Palmela do grupo campaniforme de Palmela —;

— Lábio convexo-aplanado com espessamento interno arredondado (1 ex. na C.3 e 2 na C.2).

Predominam, em ambos os estratos, os exemplares de pasta 3 (na C.2 a qualidade degrada-se um pouco com o aumento relativo dos exemplares de pasta 4) e de cor 1.

Na C.2, em 1 ex. de pasta 2 e cor 3.5, o negro da superfície externa pode ter resultado da aplicação de uma aguada.

4 — *Taça carenada*. — A taça larga carenada é uma das formas mais comuns nos estratos do Neolítico final da Estremadura (Parede I, p. ex. — Paço, 1964; Serrão, 1983), bem como nos povoados do mesmo período da área do Sudoeste (Cabeço da Mina, Possanco, Vale Pincel II, Caramujeira, Papa Uvas — Tavares da Silva e Soares, 1976; Tavares da Silva, 1983). No Monte da Tumba (Torrão) ocorre, mas já em baixa percentagem, nos níveis da fase I, do Calcolítico antigo. Em Leceia foram recolhidos alguns

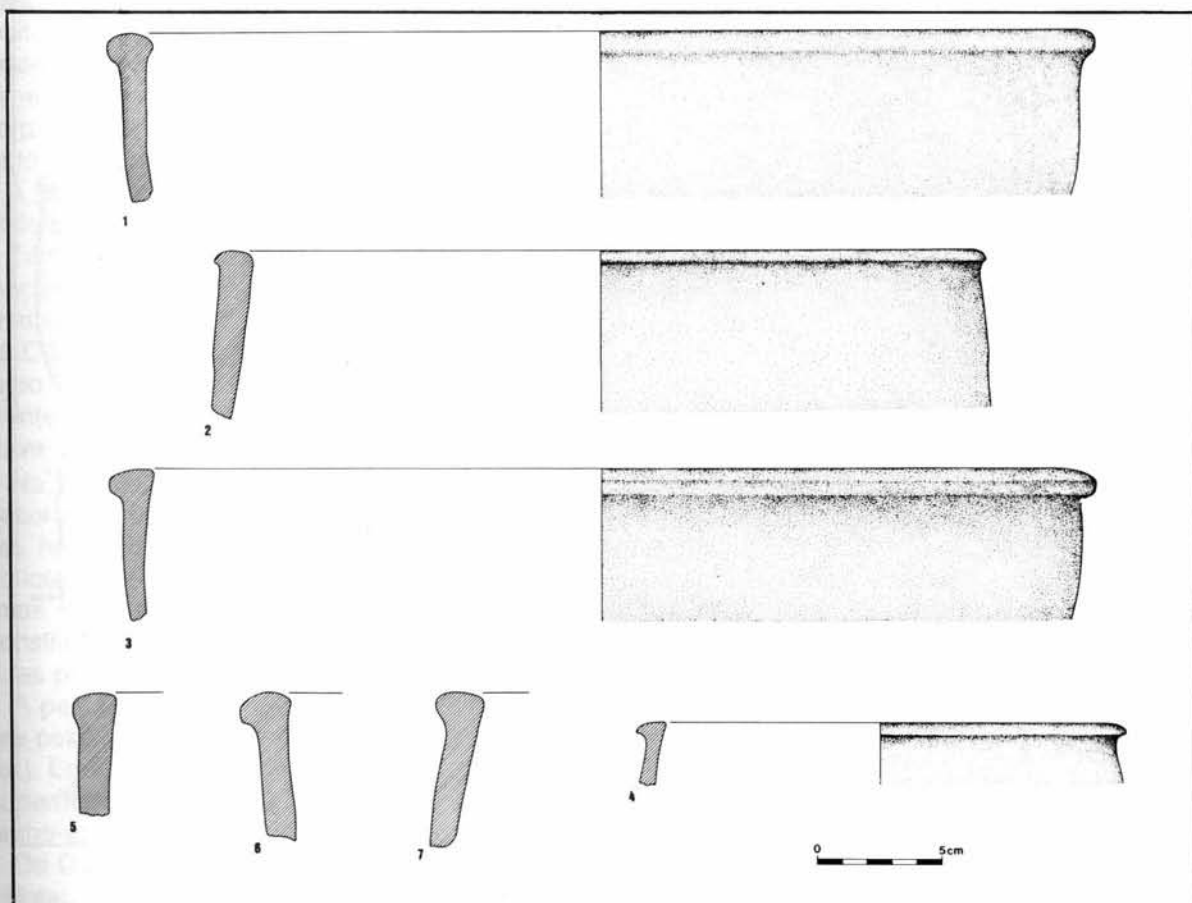


Fig. 9 — Leceia, 1983-84. Cerâmica lisa da C.2. n.ºs 1 a 7 — esférico de bordo espessado.

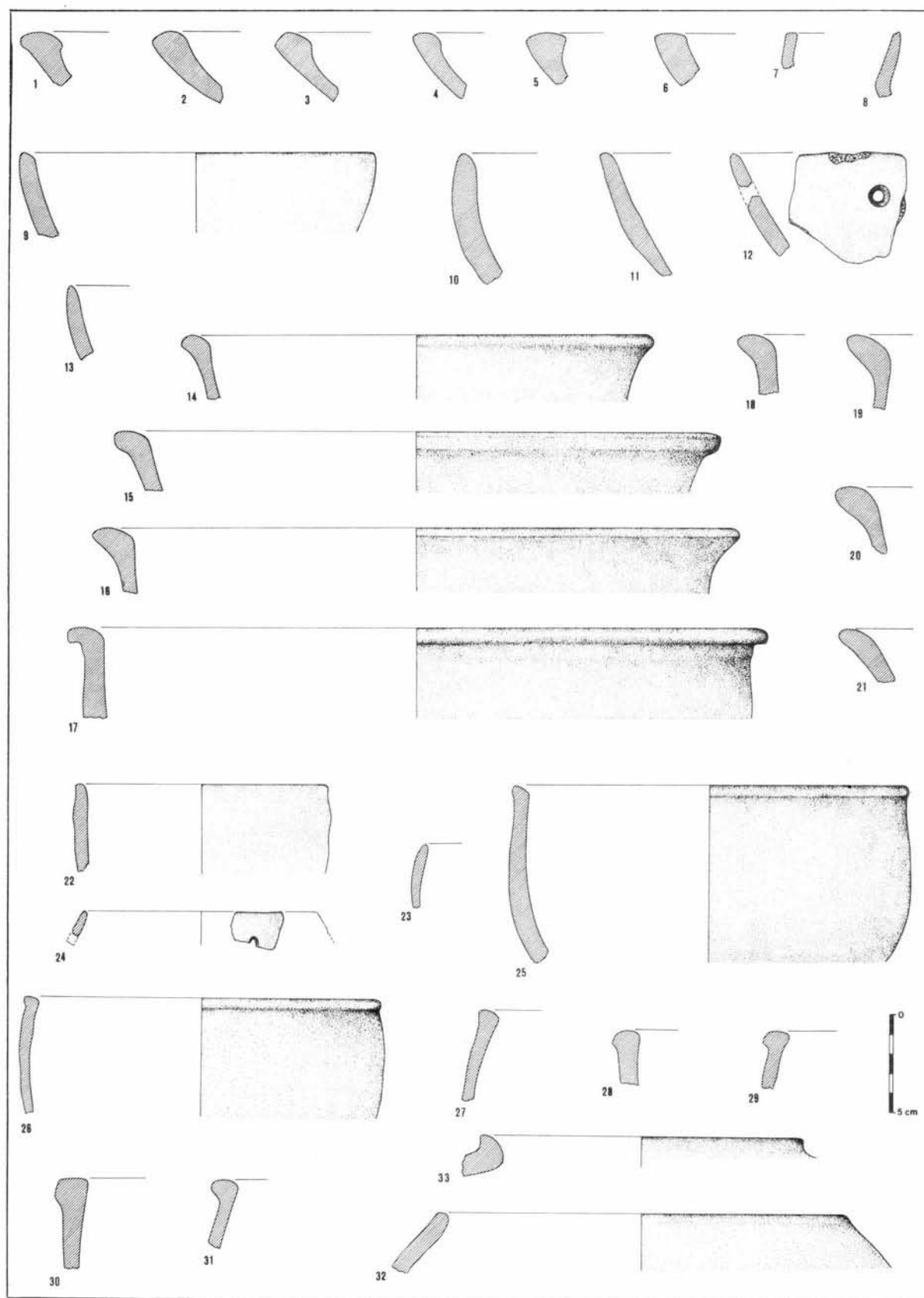


Fig. 10 — Leceia, 1983-84. Cerâmica lisa da C.3 n.ºs 1 a 4 — prato de bordo espessado; 5 e 6 — taça de bordo espessado; 7 e 8 — taça carenada; 9 a 13 — taça em calote; 14 a 20 — vaso de bordo em aba; 21 — vaso de bordo extrovertido; 22 a 24 — esférico de bordo simples; 25 a 31 — esférico de bordo espessado; 32 — globular; 33 — «pote».

exemplares por Álvaro de Breé (Cardoso, 1980-81) e as escavações de 1984 revelaram 5 ex. com bordo (1,7 %) e 1 fragmento com carena mas sem bordo, todos achados na C.3. Identificaram-se duas variantes: carena baixa e parede relativamente alta, ligeiramente inclinada para o interior (3 ex. com bordo e 1 ex. sem bordo); carena muito alta com a parede quase reduzida ao bordo e muito inclinada para o interior (2 ex.).

A maior parte dos exemplares oferece pasta 3 (1 ex. com pasta 4); cor muito variável: grupos 1, 3.3, 3.4 e 3.5.

Um ex. da segunda variante possui um furo tronco-cónico situado imediatamente abaixo da carena.

5 — *Taça em calote*. — É, tal como acontece em todos os níveis da Rotura e do Monte da Tumba, a forma mais abundante em Leceia: 27,6 % na C.3 e 30,6 % na C.2. Notam-se, porém, diferenças quantitativas entre estes dois estratos no que respeita à incidência das principais variantes: na C.3 predominam os exemplares de lábio convexo (53 exs. para 28 de lábio plano). Na C.2, são os do lábio plano que dominam (68 exs. para 44 de lábio convexo). Além disso, os lábios planos da C.2 apresentam-se, muitas vezes (38 ex.), com ténue espessamento externo, aspecto ausente na C.3. De um modo geral, as taças de lábio convexo tendem para se aproximar da forma hemisférica, enquanto as de lábio plano são mais largas e baixas.

A pasta é mais apurada na C.3 do que na C.2 onde os exemplares de pasta 4 predominam.

Também no que se refere à cor se notam diferenças entre os dois estratos: na C.3 a cor 2 é relativamente rara, dominando a cor 1, enquanto na C.2 os exemplares de cor 2 atingem um número igual ao dos de cor 1. A cozedura totalmente redutora sofre, pois, um incremento apreciável neste último estrato.

Na C.3, 10 exs. de taça em calote surgiram decorados: 9 com decoração canelada (caneluras horizontais e, em um caso, horizontais e oblíquas); 1 ex. com decoração a punção fino (mas integrável no espírito da dec. canelada), constituída por duas bandas horizontais contíguas preenchidas por motivos em espinha.

A pasta das taças decoradas da C.3 distribui-se pelos grupos 1 e 2 (5 ex.) e pelo grupo 3 (5 ex.). Em alguns casos parece ter sido aplicada à superfície externa uma aguada negra ou castanho-escura.

Da C.2 provieram 5 ex. decorados de taça em calote:

— 1 de lábio convexo com decoração canelada (traços horizontais); pasta 3; cor 2;

— 1 de lábio convexo com finas incisões irregulares e horizontais (lembra a temática da decoração canelada); pasta 3; cor 2;

— 1 de lábio plano com caneluras horizontais e oblíquas; pasta 2; cor 1;

— 1 de lábio plano, com ténue espessamento externo, decorado por «folha de acácia» horizontal, formada por pequenos folíolos impressos a punção rombo; pasta 3; cor 1;

— 1, muito erodido, proveniente da parte superior da C.2, com decoração linear partilhada: traços verticais (metopas) e horizontais (*campaniforme*).

6 — *Vaso de parede ligeiramente inclinada para o exterior e com o bordo em aba*. — É das formas mais frequentes na C.3 (vem em segundo lugar, logo a seguir à taça em calote, com 22,3 %), decrescendo notavelmente na C.2 (somente 8,4 %). Desenvolve-se, juntamente com a forma 7, que lhe é aparentada, senão uma mera variante, no horizonte da cerâmica canelada (Calcolítico antigo da Estremadura), como Leceia testemunha, confirmando o já observado no Alto do Dafundo (Gonçalves e Serrão, 1978) e no Pedrão. É muito rara nas jazidas do Alentejo e Algarve, não tendo sido ainda assinalada no Monte da Tumba; ocorre, em uma percentagem muito baixa no Cabeço da Mina (Torrão), com denteado sobre o bordo, integrando um conjunto do Neolítico final (Tavares da Silva e Soares, 1976-77).

Em Leceia, esta forma surge com pasta predominantemente do grupo 3, sendo este aspecto mais notório na C.3 (62 ex. com pasta 3 para 5 ex. com passagem; na C.2 verifica-se um aumento relativo dos exemplares de pasta 4 (19 de pasta 3 e 10 de pasta 4). Quanto à cor, domina grandemente, em ambas as camadas, o grupo 1.

1 ex. proveniente da C.3 oferece decoração denteada sobre o lábio. Este aspecto, aliado à forma do bordo deste tipo de vaso, que é muito semelhante à dos bordos denteados que se desenvolvem no Neolítico final, fazem-nos crer que a nossa 6 se radica neste período, ainda que, com o Calcolítico inicial, venha a perder a decoração denteada.

7 — *Vaso alto de parede subvertical e de bordo extrovertido*. — Francamente aparentado com a forma anterior, distingue-se dela principalmente pelo facto de não apresentar inflexão brusca entre a parede do vaso e o bordo e de não possuir aresta a separar o lábio da superfície interna da parede. Embora menos abundante do que a forma anterior, mostra uma frequência relativamente elevada na C.3 (9,3 %), que se reduz para cerca de metade na C.2 (4,9 %).

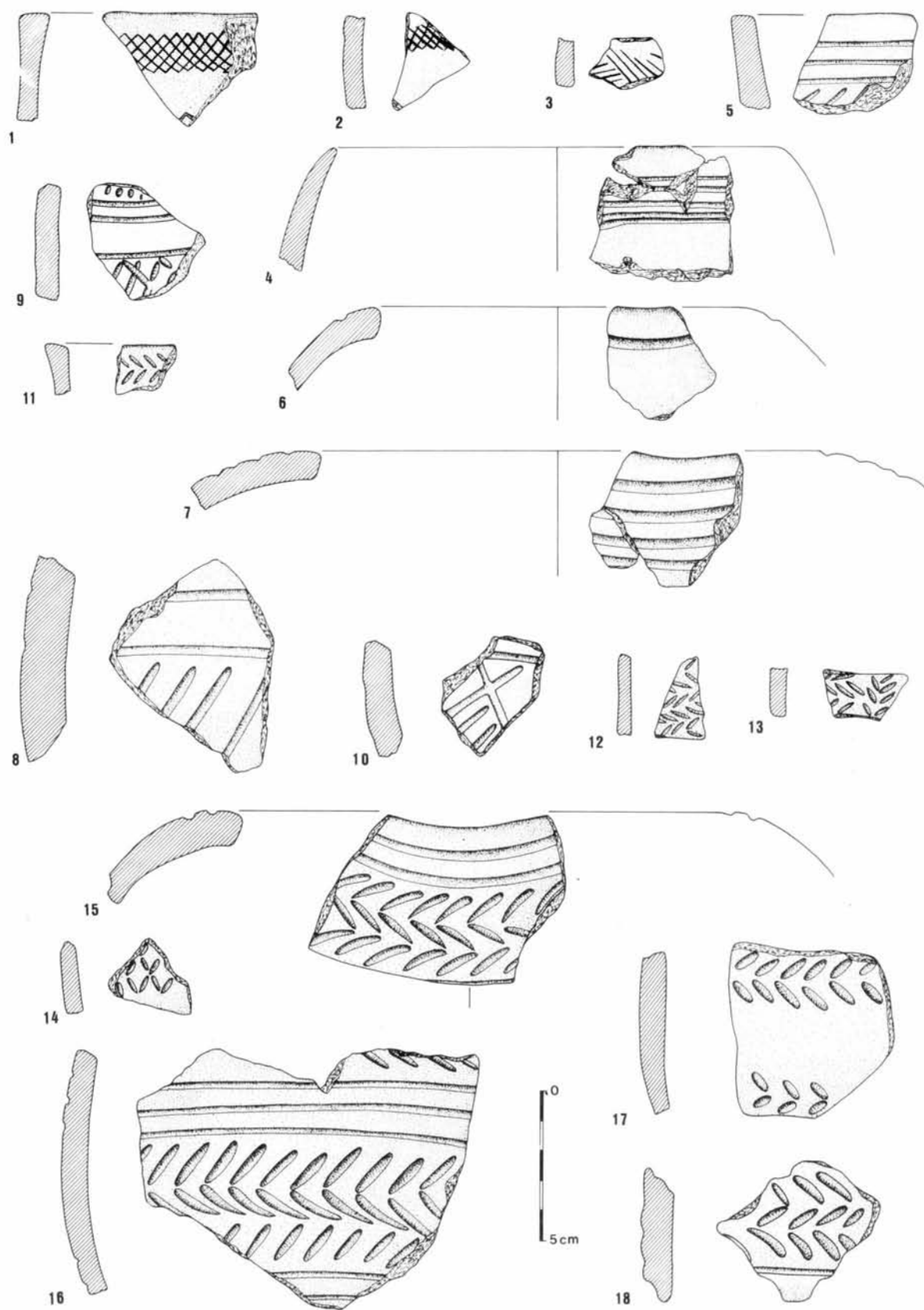


Fig. 11 — Leceia, 1983-84. Cerâmica decorada da C.2.

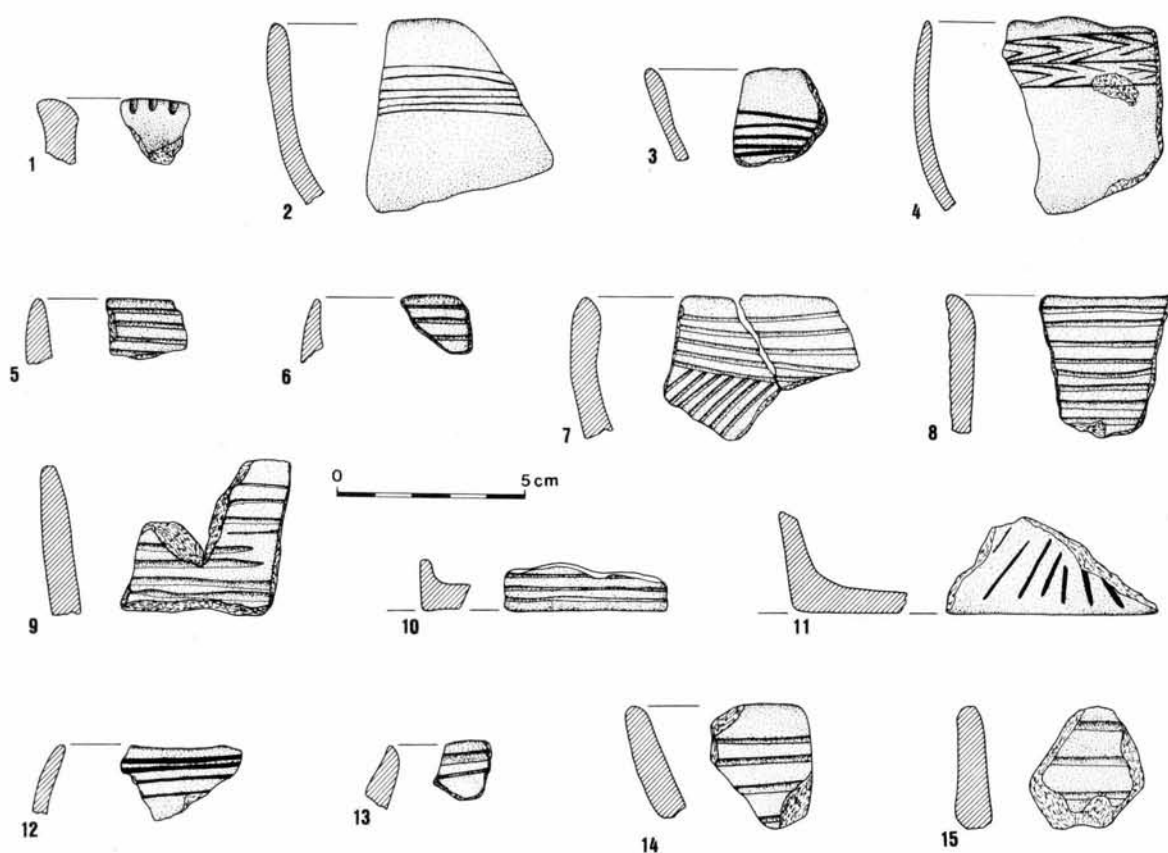


Fig. 12 — Leceia, 1983-84. Cerâmica decorada da C.3.

Predominam, em ambas as camadas, os ex. de pasta 3 e de cor 1.

8 — *Esférico de bordo simples*. — O bordo é subvertical ou ligeiramente inclinado para o interior e sem qualquer espessamento; lábio convexo ou aplanado (esse último predomina na C.2). Ocorrem pequenos esféricos (forma 5 da Rotura — Tavares da Silva, 1971), mais frequentes na C.2 (também na Rotura surgem em maior percentagem nos níveis do horizonte da «folha de acácia»), de bordo convexo, muitas vezes afilado, paredes finas (3 mm), superfícies normalmente muito bem alisadas e por vezes com aguada negra ou castanha escura e pasta 2 ou 3.

O esférico de b. simples ocorre na C.3 com 4,3 % e na C.2 com 8,7 %. Na C.3 predomina a pasta 2; na C.2, os exemplares tornam-se mais grosseiros, passando a predominar os de pasta 3 e sendo abundantes os de pasta 4. Em ambas as camadas é muito frequente a cor 2, com um número de exemplares próximo do de cor 1.

Encontrou-se decoração canelada (ténues caneluras horizontais logo abaixo do bordo) em um exemplar de pequeno esférico, de pasta 2 e cor 3.5 (o negro das superfícies foi talvez obtido

pela aplicação de aguada), proveniente da C.3.

Na C.2 recolheram-se dois exemplares decorados:

— 1 com decoração canelada (caneluras pouco profundas, juntas e horizontais); pasta 3; cor 1 de lábio plano, com decoração incisa (faixa de xadrez horizontal, junto ao bordo); pasta 2; cor 1.

9 — *Esférico de bordo espessado*. — Trata-se de um recipiente geralmente de grandes dimensões, cujo bordo apresenta acentuado espessamento externo, que poderia entrar no grupo dos «potes», não fosse a fraca inclinação do bordo para o interior.

Forma muito comum em Leceia (20,6 % na C.3 e 29,5 %, na C.2, onde ocupa o segundo lugar, logo a seguir às taças em calote), é, pelo contrário, notavelmente rara no Monte da Tumba (Torrão), tal como em outros povoados do Alentejo e Algarve (Calcolítico do Sudoeste).

Na C.3 de Leceia predomina a pasta do grupo 3, sendo escassos os exemplares dos grupos 4 e 2; na C.2, predominam os de pasta 4, seguidos a curta distância pelos de pasta 3. Em ambas as camadas, a cor dominante pertence ao grupo 1, mas enquanto na C.3 o segundo lugar

cabe à cor 3.3, na C.2 a mesma posição é ocupada pela cor 2. Por conseguinte, também nos esféricos de b. espessado se nota a degradação da pasta e um aumento relativo dos exemplares cozidos em ambiente redutor ao passar-se da C.3 para a C.2.

10 — *Globular*. — Forma esférica, de bordo simples e muito inclinado para o interior, é muito escassa em Leceia (1,3 % na C.3 e 3,3 % na C.2), tal como se verifica, aliás, em outros povoados quer do Calcolítico da Estremadura quer do Sudoeste.

Em Leceia, os globulares mostram grande diversidade de pastas, com predomínio das do grupo 3.

A C.2 forneceu 5 ex. decorados: fundas caneluras horizontais, junto do bordo; um destes exemplares possui, imediatamente abaixo das caneluras, uma faixa de zigzagues verticais, foliolares, tipo «folha de acácia» (pasta 3, cor 3.5, superfícies com aguada castanho-escura).

11 — «*Pote*». — Muito semelhante ao esférico de b. espessado, distingue-se deste por oferecer o bordo muito inclinado para o interior.

Como em outros povoados da Estremadura (Rotura) e do Sudoeste, esta forma ocorre em Leceia em percentagem baixa (2,9 % na C.3 e 3,0 % na C.2).

A pasta é, em ambas as camadas, dos grupos 4 e 3. Predomina a cor 1.

Da C.2 vieram 2 ex. decorados por funda canelura larga, perimetral, situada junto ao bordo e a reforçar o espessamento externo deste; 1 destes exs. tem pasta 3 e cor 3.1; o outro, pasta 4, cor 3.5 e aguada negra a revestir as superfícies.

12 — «*Copo*». — Esta forma, considerada como uma das mais características do Calcolítico antigo da Estremadura, está presente na C.3 através de 2 fragmentos com bordo (0,7 %) com decoração canelada; de 5 fragmentos com fundo, dois deles também com decoração canelada (um com ténues caneluras horizontais e outro com caneluras oblíquas); e de 3 fragmentos sem bordo e sem fundo decorados por caneluras horizontais. Pasta dos grupos 2 e 3. Cor dos exs. com bordo: 3.4 e 3.5, sendo o negro ou o castanho-escuro das superfícies resultante da aplicação de aguada.

Decoração

A cerâmica decorada de Leceia reparte-se pelas seguintes categorias: canelada; caneluras fundas; incisões finas; «folha de acácia» e «crucíferas»; outras impressões e denteada.

Na C.3 surgiram 32 fragmentos decorados (10,6 % em relação ao número mínimo possível

de recipientes lisos e decorados identificados — fragmentos com bordo): 12 com bordo e 20 sem bordo. Predomina a decoração canelada (21 ex.) e está completamente ausente a «folha de acácia» / «crucífera»; surgem já, tal como no nível inferior da Rotura sem «folha de acácia», as caneluras fundas, embora em reduzida frequência (3 exs.).

A existência de um horizonte em Leceia caracterizado, quando à cerâmica decorada, por alta percentagem de cerâmica canelada e ausência de «folha de acácia», vem confirmar o observado na Rotura (Tavares da Silva, 1971), Vila Nova de S. Pedro (Savory, 1970), Pedrão (Soares e Tavares da Silva, 1975), Alto do Dafundo (Gonçalves e Serrão, 1978) e Parede (Serrão, 1983).

Da C.2 provieram 107 fragmentos decorados (29,0 % em relação ao número de fragmentos com bordo pertencentes a recipientes distintos), sendo 15 com bordo e 29 sem bordo. Aqui, predominam os motivos obtidos por caneluras fundas (43 ex. — 40,2 % dos fragmentos decorados) e a «folha de acácia»/«crucífera» (36 ex. — 33,6 %); a decoração canelada é meramente vestigial (6 exs. — 5,6 %) e poderá corresponder quer a uma sobrevivência deste tipo de decoração no Calcolítico pleno da Estremadura, quer a situações de revolvimentos dos níveis inferiores pelos ocupantes da fase do Calcolítico pleno de Leceia.

Na parte superior da C.2, na zona de contacto com a C.1, surgiram 2 fragmentos de taças, um com decoração incisa e outro com motivos metopados linear-pontilhados que atribuímos ao horizonte campaniforme.

Tal como se verificou na Rotura (Tavares da Silva, 1971), também em Leceia é patente o aumento da sequência relativa da cerâmica decorada, ao passarmos do horizonte da cerâmica canelada (C.3) para o de «folha de acácia» (C.2).

Um dos aspectos que distingue a cerâmica calcolítica da Estremadura da do Sudoeste reside no facto de na cerâmica deste último grupo cultural ser quase nula a decoração.

A cerâmica canelada, isto é, a de caneluras pouco fundas e, em geral, juntas, é, como dissemos, abundante na C.3 e escassa na C.2. Apresenta motivos rectilíneos formados por séries de traços paralelos e quase sempre horizontais, raramente associados a séries de traços oblíquos, a zigzagues ou a xadrez. Nas taças em calote (abundantes) e nos esféricos (raros), este tipo de decoração surge logo abaixo do bordo; nos copos (abundantes), integra, quase sempre, duas zonas, uma situada junto do bordo e outra imediatamente acima da carena que separa o

fundo da parede do recipiente. Além das formas referidas, identificou-se, na C.3, um prato, representado por um fragmento sem bordo, com decoração canelada na superfície interna.

Nos exemplares com decoração canelada são relativamente comuns as pastas finas (grupo 2), embora predominem as do grupo 3 (ausência das do grupo 4). As superfícies oferecem, por vezes, aguada negra ou castanha escura.

As caneluras fundas ocorrem logo na C.3, mas em reduzida percentagem (também na Rótura estão presentes a partir do nível inferior); desenvolvem-se consideravelmente na C.2, aparecendo aqui muitas vezes associadas à «folha de acácia» ou a motivos geométricos obtidos por incisão fina; formam ornatos rectilíneos que vão desde um simples sulco profundo e isolado que reforça o espessamento externo do bordo de «potes», até combinações de séries de traços horizontais com traços oblíquos, compondo triângulos ou ziguezagues paralelos. Esta decoração ocorre principalmente em globulares e em «potes», mas é também conhecida na taça em calote (C.2) e no esférico de b. espessado (C.2). Predominam os exemplares de parede espessa (chega a atingir 18 mm. de espessura) e de pasta 3 (seguida, de perto, pela do grupo 4); domina a cor 1.

As incisões finas estão presentes em ambos os horizontes, mas só na C.2 surgem associadas a caneluras fundas. Os motivos são geométricos e rectilíneos: séries de traços horizontais, oblíquos, verticais associados a horizontais, formando metopas (1 ex. que consideramos integrável no estilo campaniforme, proveio da zona de contacto da C.2 com a C.1), xadrez, encastrado, espinha e ziguezagues. Decoram taças em calote e esféricos de b. simples.

As «folhas de acácia» e as crucíferas (estas, raras) resultaram da impressão de um objecto de extremidade romba que produziu folíolos dispostos em espiga ou em ziguezague («folha de acácia») ou em cruz («crucífera»). Ausente na C.3, é muito abundante na C.2, ocorrendo sozinha ou associada a caneluras fundas. Manifesta-se sobretudo em globulares de grandes dimensões de bordo acentuadamente introvertido; está presente na taça em calote, alta e de lábio plano. Predominam os exemplares de pasta 3, são abundantes os de pasta 2 e raros, os de pasta 4. As cores mais frequentes pertencem aos grupos 1 e 3.4 (neste último caso, o negro ou o castanho escuro das superfícies teriam resultado da aplicação de uma aguada).

Além de «folha de acácia»/«crucífera» que pode ser considerada como uma forma de decoração impressa, surgiram outros motivos obtidos pela técnica da impressão:

— Da C.3 proveio 1 fragmento de perfil em S, pertencente a um recipiente de forma geral indeterminada, de pasta 3 e cor 3.3, decorado por duas fiadas horizontais de pequenas impressões ovaladas, obtidas através de um punção actuando quase verticalmente.

— Da mesma camada veio 1 fragmento sem bordo, de pasta 4, cor 3.3, decorado por impressões de dedadas.

— Na parte superior da C.2 (zona de contacto com a C.1) foi encontrada 1 fragmento de taça em calote, muito erodido, de pasta 3, cor 2, decorado segundo o estilo campaniforme por traços verticais e horizontais (metopas) lineares pontilhados.

A decoração denteada, tão comum no Neolítico final da Estremadura e já conhecida em Leceia por achados de superfície contidos na colecção de Álvaro de Breé (Cardoso, 1980-81), encontra-se representada na C.3 or um fragmento de vaso de parede ligeiramente inclinada para o exterior e com bordo em aba, de pasta 3, cor 3.1, com denteado impresso na aresta exterior do lábio.

6.3 Cerâmica industrial

Cabem neste capítulo as chamadas «queijeiras» e os «pesos de tear».

As «queijeiras», talvez utilizadas como cinchos, estão representadas por 7 fragmentos: 1 exumado na C.3, com bordo, orifícios cilíndricos, superfície externa irregular, pasta 3 e cor 3.3; 6 fragmentos (2 com bordo) provieram da C.2 e têm orifícios cilíndricos (entre 1 e 4 mm de diâmetro), superfície interna muito irregular e não alisada e superfície externa mal alisada, pasta 3 e cor dos grupos 1 (2 ex.), 3.2 (2 ex.) e 3.3 (2 ex.).

Somente 1 ex. de «peso de tear» foi recolhido em 1983-84. Surgiu na C.2 e insere-se no tipo comum na Estremadura: subquadrangular com os cantos arredondados e um furo cilíndrico em cada canto. Pasta compacta com elementos não plásticos superiores a 1 mm. Superfícies e fractura vermelho-amareladas. Compr. 111 mm; larg. 95 mm; esp. 30 mm.

6.4 Objectos de osso

Para além de alguns objectos que, pelo seu estado de fragmentação, não permitem qualquer determinação tipológica (2 ex. encontrados na C.3 e 14, na C.2), foram recolhidos os seguintes artefactos:

— 4 fragmentos de punções (zonas distais): 2 recolhidos na C.3 e 2 provenientes da C.2.

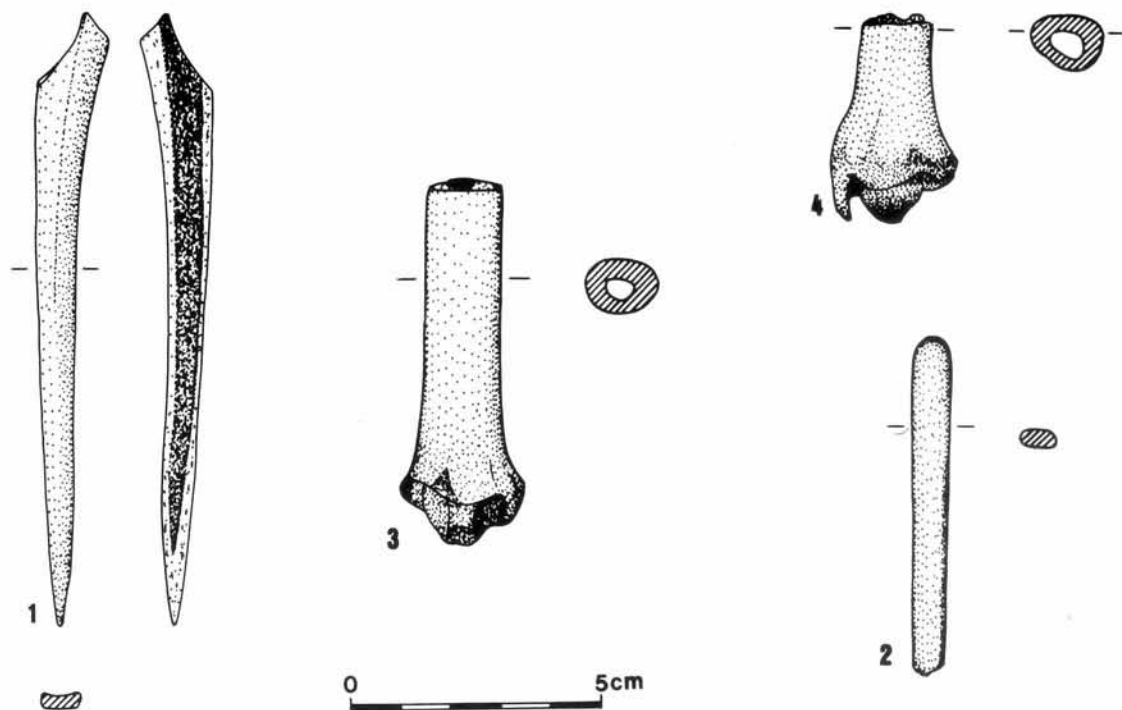


Fig. 13 — Leceia, 1983-84. Objectos de osso. Os n.ºs 1 a 3 provieram da C.2; n.º 4, da C.3.

- Alfinete de cabeça espatulada (C.2).
- Cabeça espatulada, trapezoidal, de alfinete fragmentado (C.2).
- Espátula (fragmento) com a extremidade distal não dilatada e arredondada (C.2).
- 2 cabos obtidos a partir das extremidades de ossos longos, conservando a epífise (C.3, e C.2).
- Cabo fragmentado longitudinalmente, obtido a partir da extremidade de um grande osso longo cuja epífise foi desbastada e afeioada (C.2).

6.5 Objectos metálicos

Dos 27 objectos metálicos, certamente de cobre, exumados, 1 proveio da C.3 (parte superior, contacto com a C.2) e os restantes da C.2.

O da parte superior da C.3 é uma lâmina de bordo denteado, dobrada; possui, na extremidade proximal, dois chanfros destinados a fixar o cabo por meio de rebites.

Dos 26 objectos da C.2, 12 são fragmentos pertencentes a tipos indeterminados; 6 são resí-

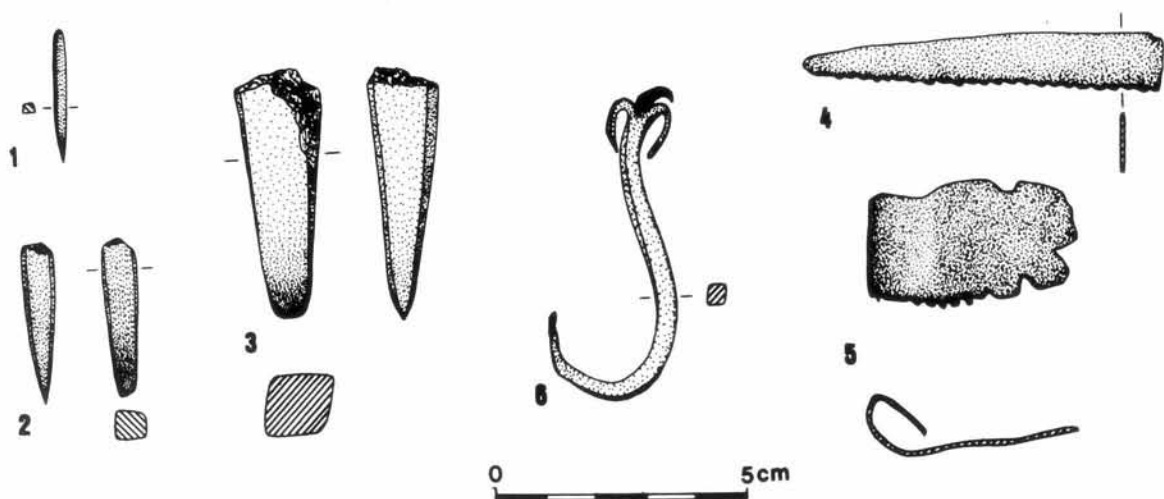


Fig. 14 — Leceia, 1983-84. Objectos de cobre.

duos de fundição que testemunham esta actividade metalúrgica em Leceia; os 8 restantes distribuem-se pelos seguintes tipos de instrumentos:

- Lâmina com bordo denteado.
- 4 Punções (1 inteiro e 3 fragmentados, com zona distal) de secção transversal quadrangular.
- Cinzel (fragmento com extremidade distal) de secção transversal quadrangular.
- Escopro (fragmento com extremidade distal) de secção transversal quadrangular.
- Anzol inteiro, sem barbela e com empate em duplo anel resultante da flexão, para um e outro lado, da extremidade proximal tornada trifida; secção transversal rectangular (Estr. A2).

6.6 Peça de adorno

Conta discoide em mineral de cor verde com perfuração central bitroncocónica; diâmetro 7 mm. (C.2, Estr. A).

7 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escavações de 1983-84 em Leceia revelaram, pela primeira vez para este arqueossítio, elementos de carácter estratigráfico, bem como estruturas defensivas e habitacionais.

A estratigrafia detectada veio corroborar grande parte das ilacções extraídas da análise tipológica do espólio recolhido por Álvaro de Breé, sem contexto conhecido, e estudado por um de nós (Cardoso, 1980-81), e, ao mesmo tempo, confirmar o observado em raros povoados da Estremadura, no que concerne à existência de dois horizontes calcolíticos pré-campaniformes, a saber: o horizonte das cerâmica canelada (Calcolítico antigo ou inicial) e o horizonte da «folha de acácia» (Calcolítico pleno). Em Leceia, estes horizontes identificam-se, respectivamente, com a C.3 e a C.2.

Na C.3 é abundante a cerâmica canelada, com copos e taças em calote; está ausente a «folha de acácia»; começa a aparecer a decoração que utiliza a técnica da canelura funda e está presente o bordo denteado. Este último tipo de decoração, bem como a taça carenada, igualmente presente, mostram um claro enraizamento no substrato do Neolítico final. Uma das formas cerâmicas mais comuns na C.3 é a do vaso de parede ligeiramente inclinada para o exterior e bordo em aba, também corrente no Neolítico final onde, muito frequentemente, surge com decoração denteada. Dir-se-ia, pois, que na passagem do Neolítico para o Calcolítico se perde o hábito de dentear estes bordos em aba, perdurando, porém, a forma, agora lisa.

A indústria lítica de ambas as camadas mostra-se essencialmente sobre lascas e, se podemos admitir para alguns grupos tipológicos, como o dos raspadores, furadores, buris e geométricos, uma filiação no Neolítico regional, para outros (peças ovais com retoque cobridor e pontas de seta mitriformes), somos levados a aceitar a chegada, durante o Calcolítico inicial, de influências possivelmente mediterrânicas.

Os objectos metálicos (cobre) estão quase ausentes da C.3. Há a assinalar apenas o achado de uma lâmina denteada. Esta raridade ou mesmo ausência de peças metálicas e de resíduos de fundição em níveis do horizonte da cerâmica canelada, parece-nos ser um aspecto a considerar quando se fala de colonizações para explicar o aparecimento desse mesmo horizonte ou, mais exactamente, da existência de elementos revelando possíveis influências exógenas (copos canelados, por ex.). Se se tratasse de um horizonte de colonizadores dedicados à metalurgia do cobre, esta teria deixado vestígios bem mais evidentes logo desde o início do período. Como é patente em Leceia, é só a partir do calcolítico pleno (C.2) que a fundição e a utilização de instrumentos de cobre se generaliza.

À pelo menos, aparente ausência ou reduzida área de construções de carácter defensivo durante a fase do Calcolítico antigo de Leceia vem-se aliar a observações similares efectuadas em outros povoados quer da Estremadura (Vila Nova de S. Pedro, Alto do Dafundo, Parede), quer do Sudoeste (fase I do Monte da Tumba). Embora já implantados em locais com boas condições naturais de defesa (Leceia, Rotura, Pedrão, Alto do Dafundo, Monte da Tumba) — facto que poderia relacionar-se com a necessidade de defender um sobreproduto económico que o desenvolvimento da economia agropastoril teria feito surgir, em certos locais, logo a partir do Neolítico final —, esses povoados (ou mais exactamente os que sobrevivem ao fim do Calcolítico antigo) só assistem à construção de complexos sistemas defensivos providos de muralhas, torres e bastiões em uma fase avançada da sua ocupação, fase que coincide normalmente com o incremento da produção/utilização de instrumentos de cobre. É o que se passa em Leceia com a edificação dos troços de muralha e da torre ou bastião postos a descoberto na C.2 e pertencentes ao calcolítico pleno.

A comparação entre os espólios cerâmico e lítico da C.3 com os da C.2 não revelam qualquer rotura cultural na passagem do horizonte da cerâmica canelada para o da «folha de acácia». As alterações são, fundamentalmente, de carácter quantitativo, embora se note a perda e a aquisição de alguns elementos como a deco-

ração canelada e a «folha de acácia». Cremos, pois, que Leceia oferece um quadro evolutivo caracterizado pela permanência de uma mesma população que vem do Neolítico final e cuja sociedade se complexifica sob a acção de factores internos (desenvolvimento das forças produtivas — agricultura e criação de gado — e correspondente acumulação de excedentes), certamente catalizados por estímulos alógenos veiculados, muito possivelmente, por via comercial.

As indústrias lítica e cerâmica de Leceia, comparadas com as do Monte da Tumba, reforçam a hipótese de terem existido duas faces culturais distintas no Calcolítico do Centro e Sul de Portugal: o grupo da Estremadura e o grupo do Sudoeste (Alentejo e Algarve, com prolonga-

mento pela Andaluzia Ocidental). As influências recíprocas são porém notórias entre os dois grupos. Citemos, a título de exemplo, o aparecimento na C.2 de Leceia de pontas de seta de base côncava de xisto jaspoide.

O bom estado de conservação dos estratos calcolíticos de Leceia (ao contrário do que era admitido por numerosos arqueólogos portugueses que consideravam Leceia fortemente afectada pela erosão) obriga-nos a prosseguir as escavações em extensão a fim de, por um lado, se confirmarem os aspectos que os trabalhos de 1982-83 revelaram e, por outro, dar a conhecer a plena organização do espaço, domínio infelizmente tão raro na abundante bibliografia do Calcolítico da Estremadura.

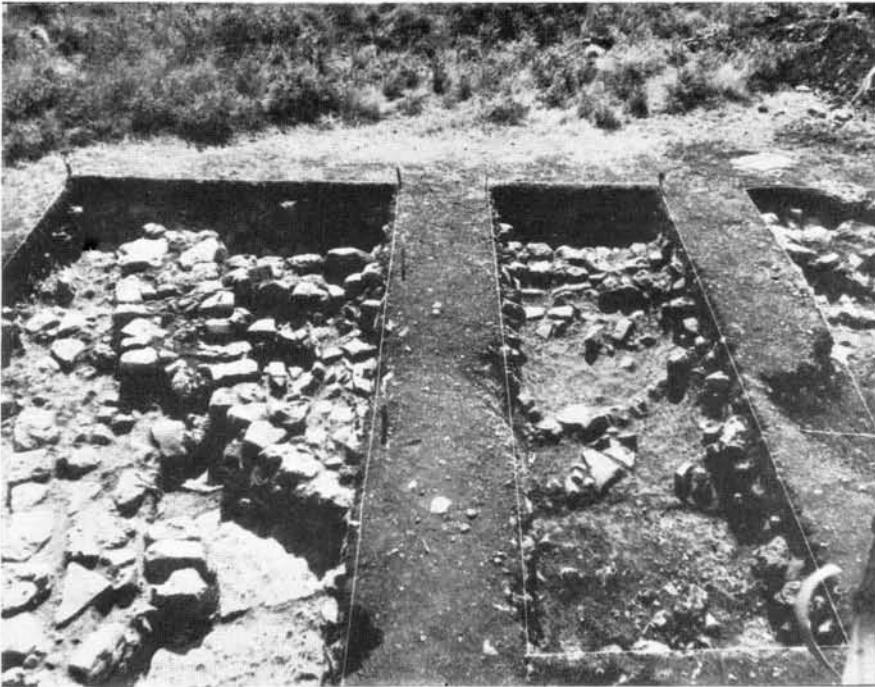
BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, F. M. (coord.) (1981). Carta geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Folha 34-C (Cascais). *Serviços Geológicos de Portugal*.
- CARDOSO, J. L. (1979). O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal): nota prévia sobre a colecção de Álvaro de Brée. *Bol. Soc. Geol. Port.*, 21 (2-3).
- CARDOSO, J. L. (1980-81). O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal): estudo da colecção do escultor Álvaro de Brée. *Revista de Guimarães*, 50: 211-304; 51: 190-233.
- FERREIRA, O. da Veiga e CARDOSO, J. L. (1975). Flauta, chamariz ou negaça de caça, de osso, encontrada no castro de Leceia (Barcarena). *Bol. Cultural da Junta distrital de Lisboa*, 81 (S. III): 57-63.
- GIL, F. Bragança, FERREIRA, G. e CARDOSO, J. L. (1979). Análise por fluorescência de Raios X de peças de cobre do castro de Leceia. *Setúbal Arqueológica*, 5: 103-119.
- GOMES, M. Varela, MONTEIRO, J. Pinho e SERRÃO, E. Cunha (1978). A estação pré-histórica da Caramujeira: trabalhos de 1975-76. *Achas das III Jornadas Arqueológicas da Ass. Arq. Port.*, pp. 35-72.
- GONÇALVES, J. L. Marques e SERRÃO, E. Cunha (1978). O povoado do Calcolítico inicial do Alto do Dafundo, Linda-a-Velha. *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Ass. Arq. Port.*, pp. 75-96.
- GONÇALVES, V. (1980). Cerro do Castelo de Santa Justa. *Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*, Lisboa-Setúbal, pp. 27-35.
- OLIVEIRA, F. de Paula (1884). Note sur les ossements humains qui se trouvent dans le Musée de la Section Géologique de Lisbonne. *Actas do IX Congr. Intern. de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas*, Lisboa.
- PAÇO, A. do (1964). *Povoado Pré-históricos em Portugal: Notícia de Algumas Estações e Monumentos Pré-históricos*. Memória Apresentada à real Academia das Ciências de Lisboa: I — Notícia da Estação Humana de Licêa, Lisboa.
- SANGMEISTER, E. e SCHUBART, H. (1981). *Zasmbujal: Die Grabungen 1964 Bis 1973*, Mainz am Rhein.
- SAVORY, H.N. (1972). The cultural sequence at Vila Nova de S. Pedro: a study of section out through the innermost rampart of the Chalcolithic Castro in 1959. *Madrider Mitteilungen*, 13: 23-37.
- SERRÃO, E. Cunha (1983). A estação pré-histórica de Parede: documentos inéditos sobre estratigrafia e estruturas (campanha de 1956). *O Arq. Português*, 1 (S.IV): 119-148.
- SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C. (1975). A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 1: 53-154.
- TAVARES DA SILVA, C. (1971). O povoado pré-histórico da Rotura; notas sobre a cerâmica. *Actas do II Congr. Nac. de Arqueologia*, 1: 175, 192, Coimbra.
- TAVARES DA SILVA, C. (1983). O megalitismo e os primeiros metalurgistas. *História de Portugal* (Ed. Alfa), 1: 83-98, Lisboa.
- TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J. (1976-77). Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*, 2-3: 179-272.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1895). Castros. *O Arq. Português*, 1 (S.I.).
- VASCONCELOS, J. Leite de (1896). *Religiões da Lusitânia*, 1, Lisboa.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1917). *Archeologia liceense*. *O Arq. Português*, 22 (S.I.).
- VASCONCELOS, J. Leite de (1921-22). Encabamento de instrumentos de pedra pré-históricos. *O Arq. Português*, 25 (S.I.).



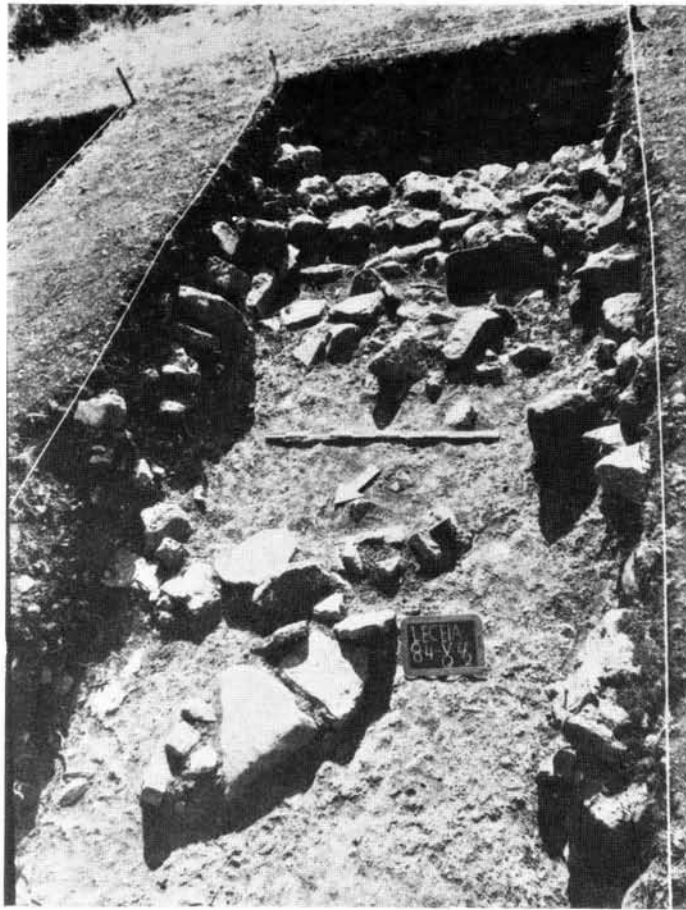
Est. 1 — (em cima) Aspecto parcial da área escavada observando-se em primeiro plano troço da muralha mais antiga fundada sobre o nível de abandono da primeira ocupação. Em segundo plano, observa-se a muralha mais recente. (Em baixo). Pormenor da torre posta a descoberto parcialmente em 1984 e vista parcial do troço de muralha mais antigo.



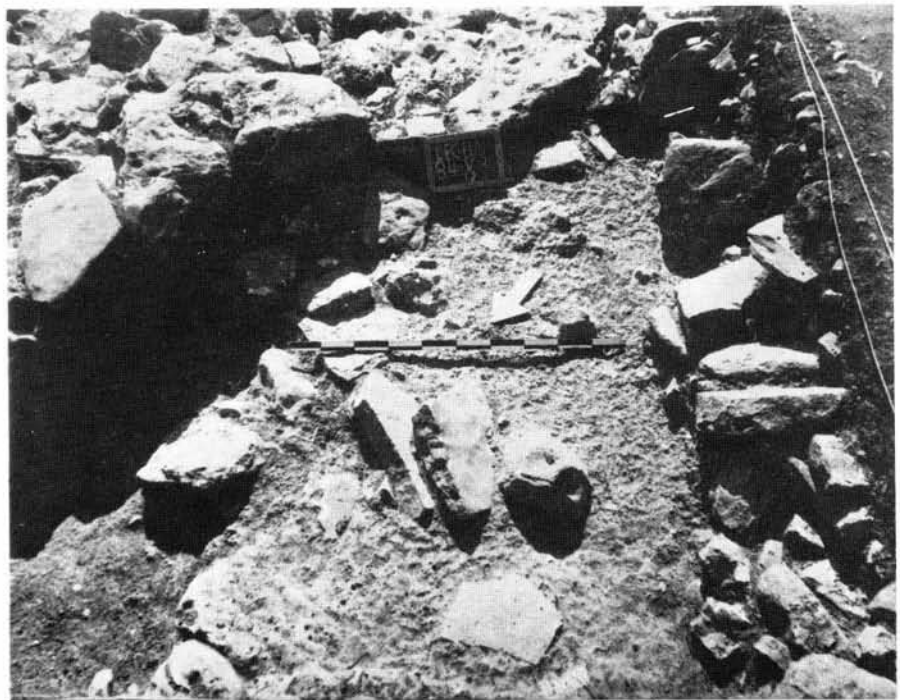


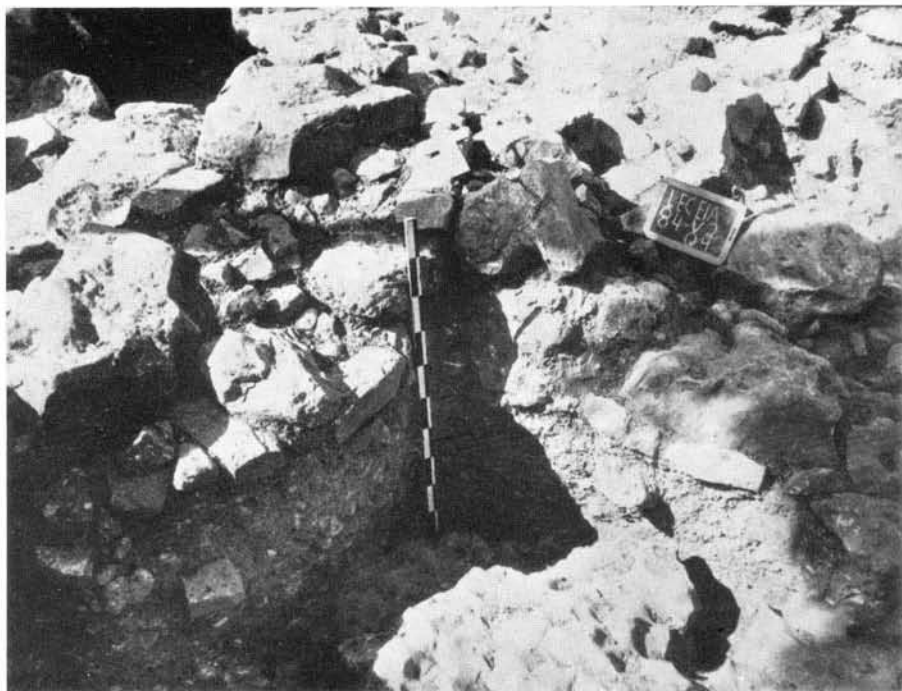
Est. II — (cima) Aspecto da área escavada em 1983-84, sendo visível no corte da esquerda a estrutura habitacional A. (Em baixo). Lareiras geminadas identificadas na estrutura habitacional A, construídas a partir da face interna da muralha mais recente.





Est. III — (cima) Pormenor do recinto habitacional A, vendo-se em primeiro plano um alinhamento de pedras que definiam uma estrutura de materiais perecíveis e, em segundo plano, o muro C que limitava a sul o referido recinto.
(Em baixo), Pormenor do sector da torre escavado em 1984.





Est. IV — (cima) Aspecto do corte I realizado junto à face externa da torre.
(Em baixo). Outra vista do mesmo corte, sendo visível, directamente assente sobre o substracto geológico, a Camada 3. Por cima de uma camada de abandono dessa primeira ocupação, é visível a fundação da torre.

